

A encrência metropolitana e a nova agenda de desenvolvimento brasileira

André Urani

Apresentação preparada para o seminário internacional
*A reinvenção do futuro das grandes metrópoles e a nova agenda de
desenvolvimento econômico e social da América Latina*

Associação Comercial do Rio de Janeiro

12/4/2007

Diagnóstico

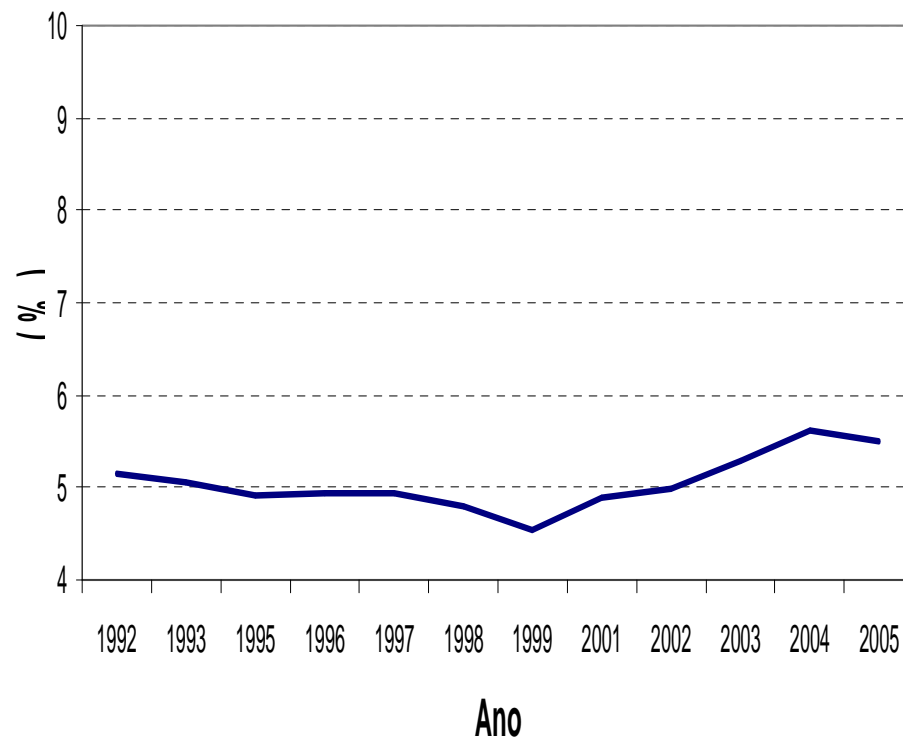
Fatos estilizados

Não há *desindustrialização* em curso no Brasil...

Participação da indústria tradicional na ocupação total

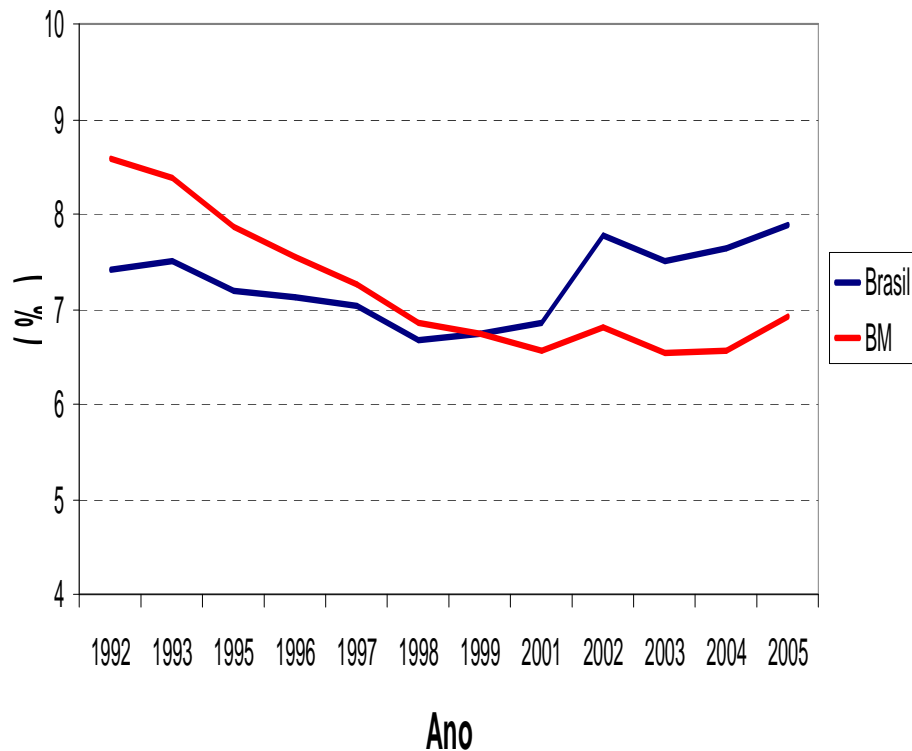


Participação da indústria moderna na ocupação total

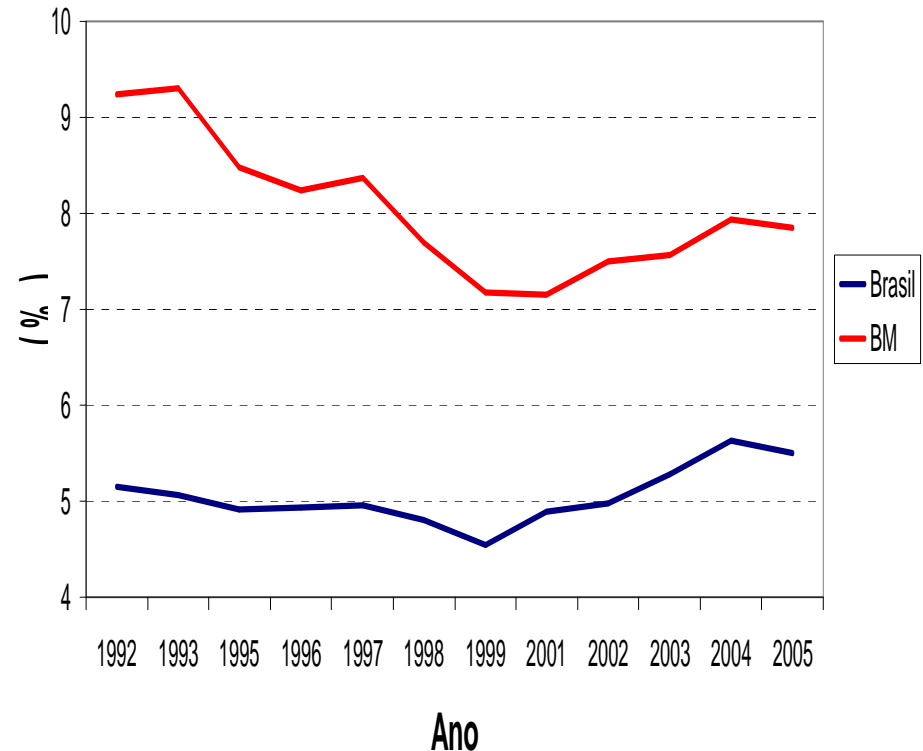


mas perda das vocações originárias das metrópoles brasileiras...

Participação da indústria tradicional na ocupação total

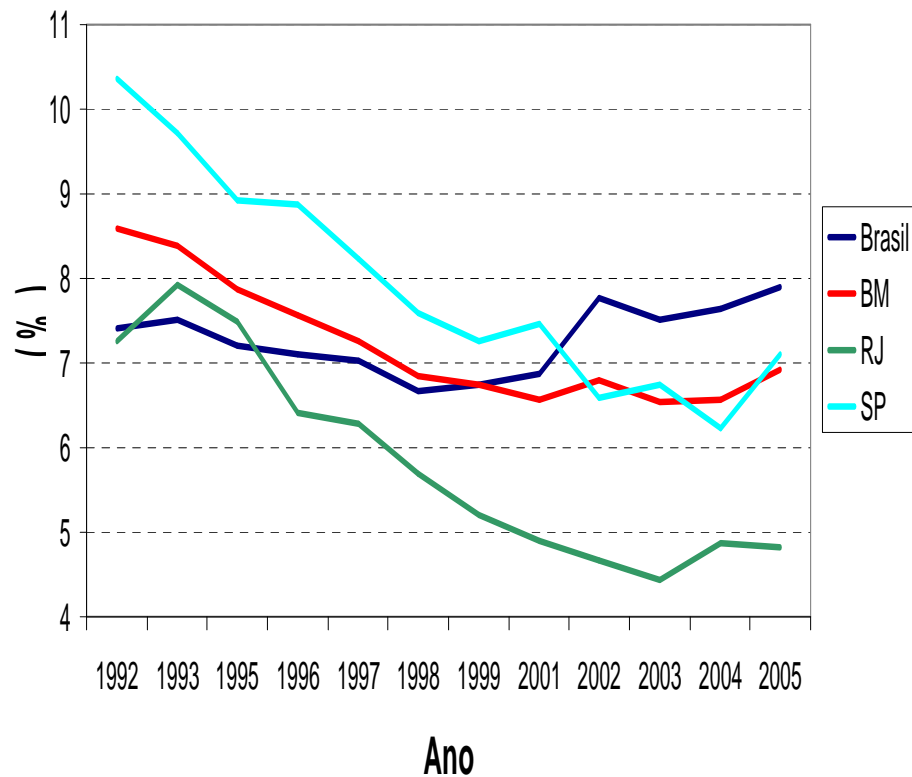


Participação da indústria moderna na ocupação total

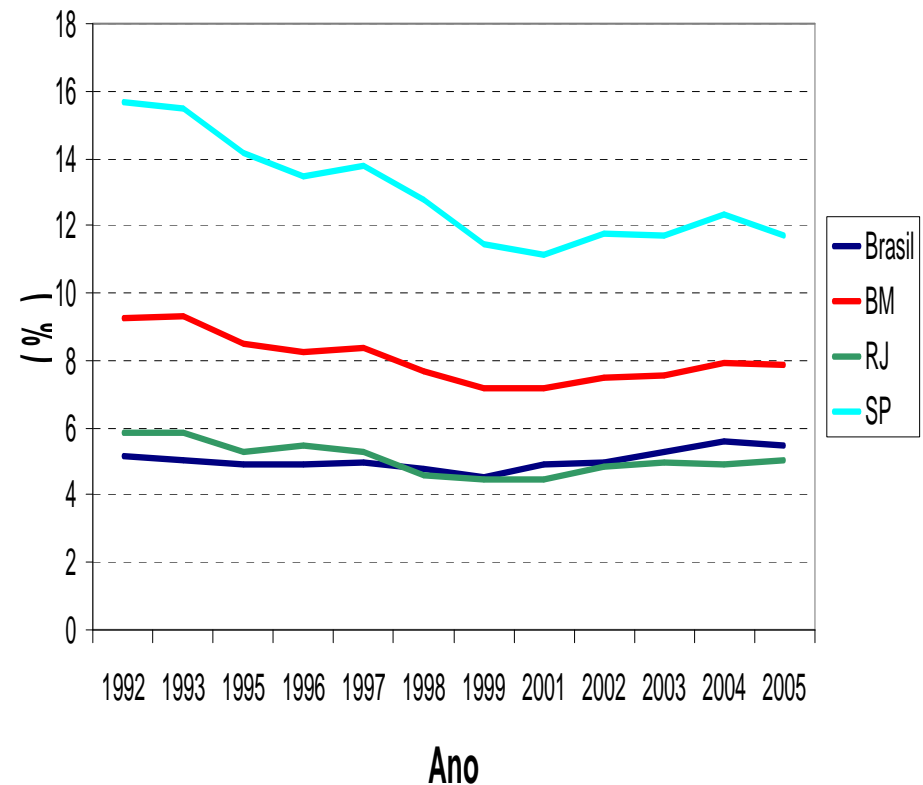


e sobretudo das maiores: São Paulo e Rio de Janeiro

Participação da indústria tradicional na ocupação total

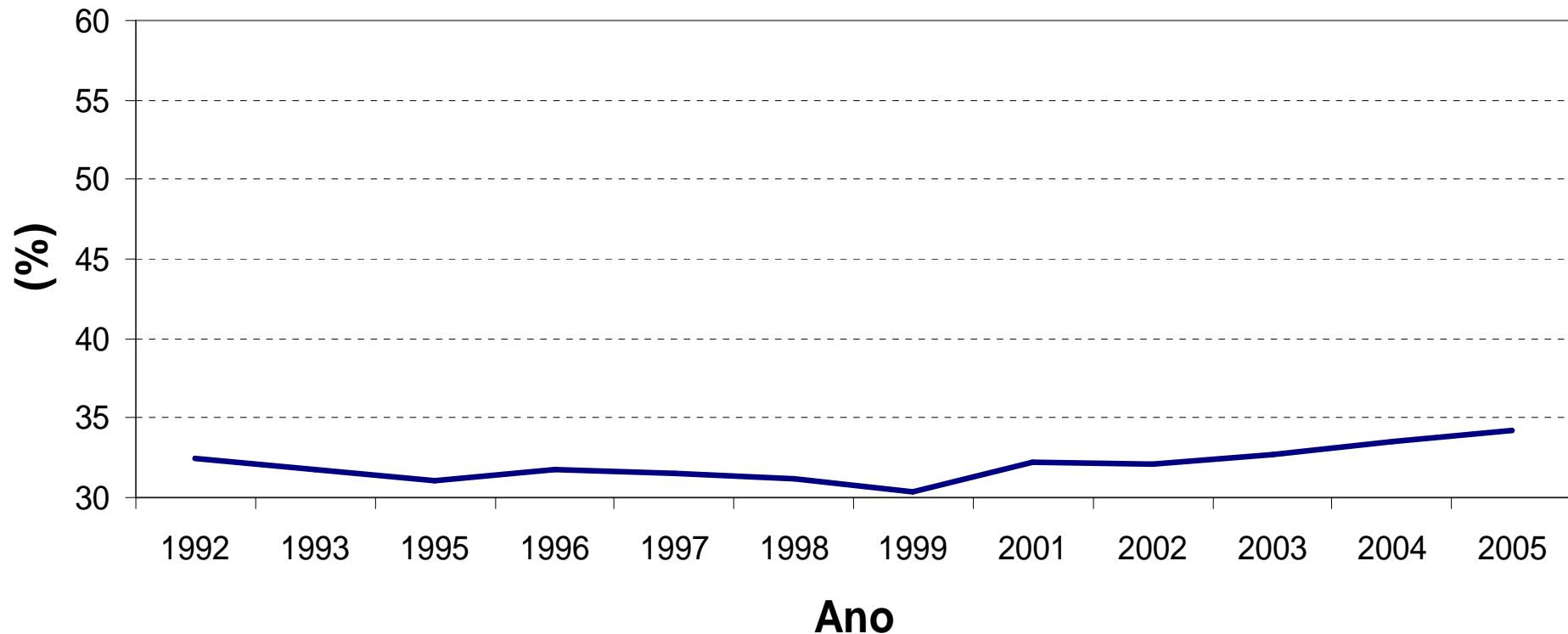


Participação da indústria moderna na ocupação total



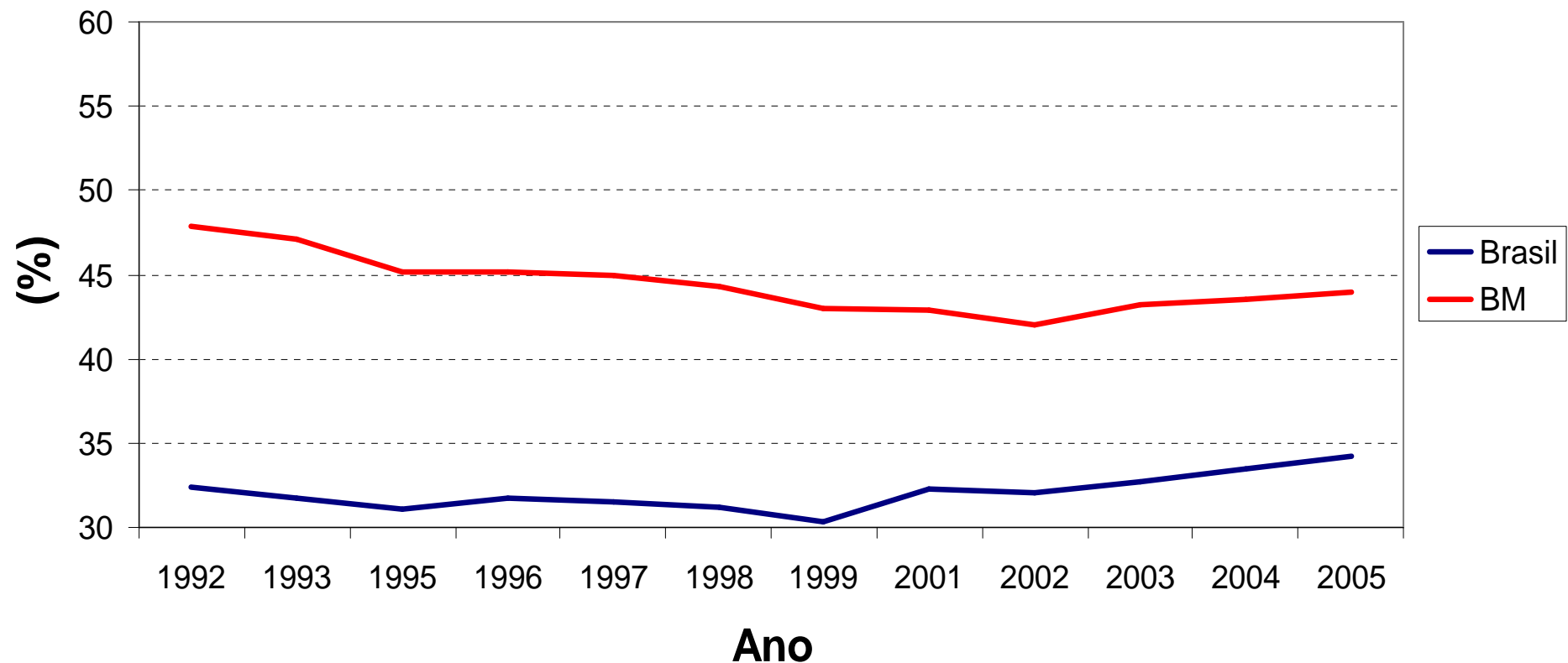
Analogamente, a diminuição do emprego com carteira assinada não é um fenômeno *brasileiro*

Participação do emprego com carteira assinada na ocupação total



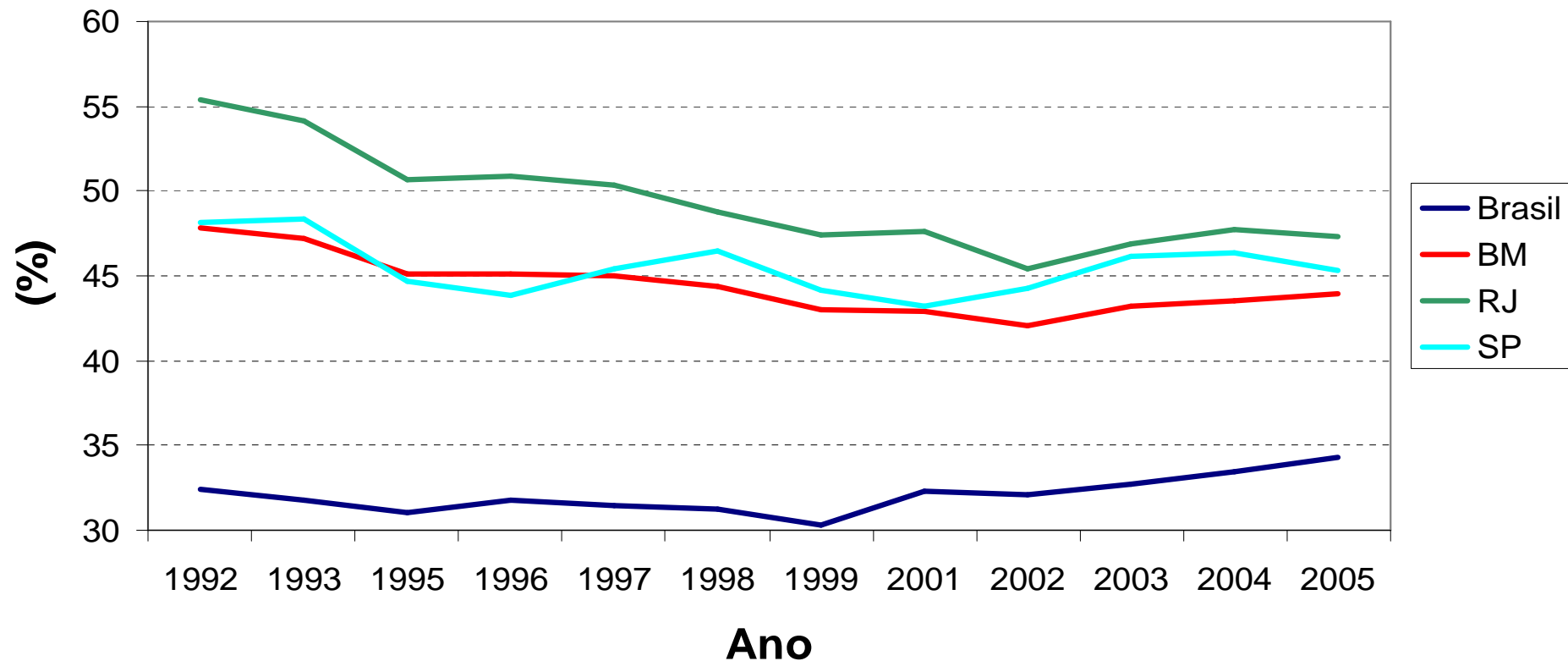
Mas *metropolitano*

Participação do emprego com carteira assinada na ocupação total



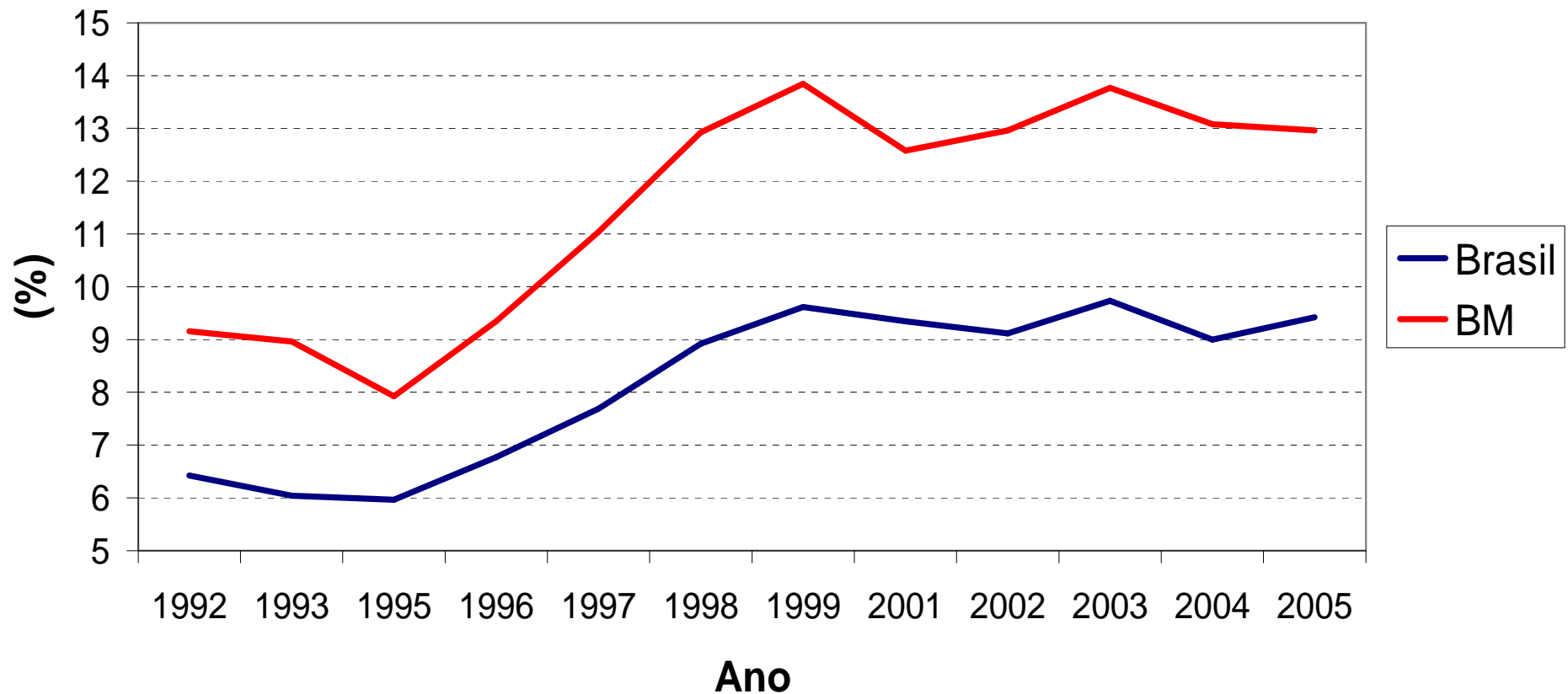
E, sobretudo, *paulistano*

Participação do emprego com carteira assinada na ocupação total



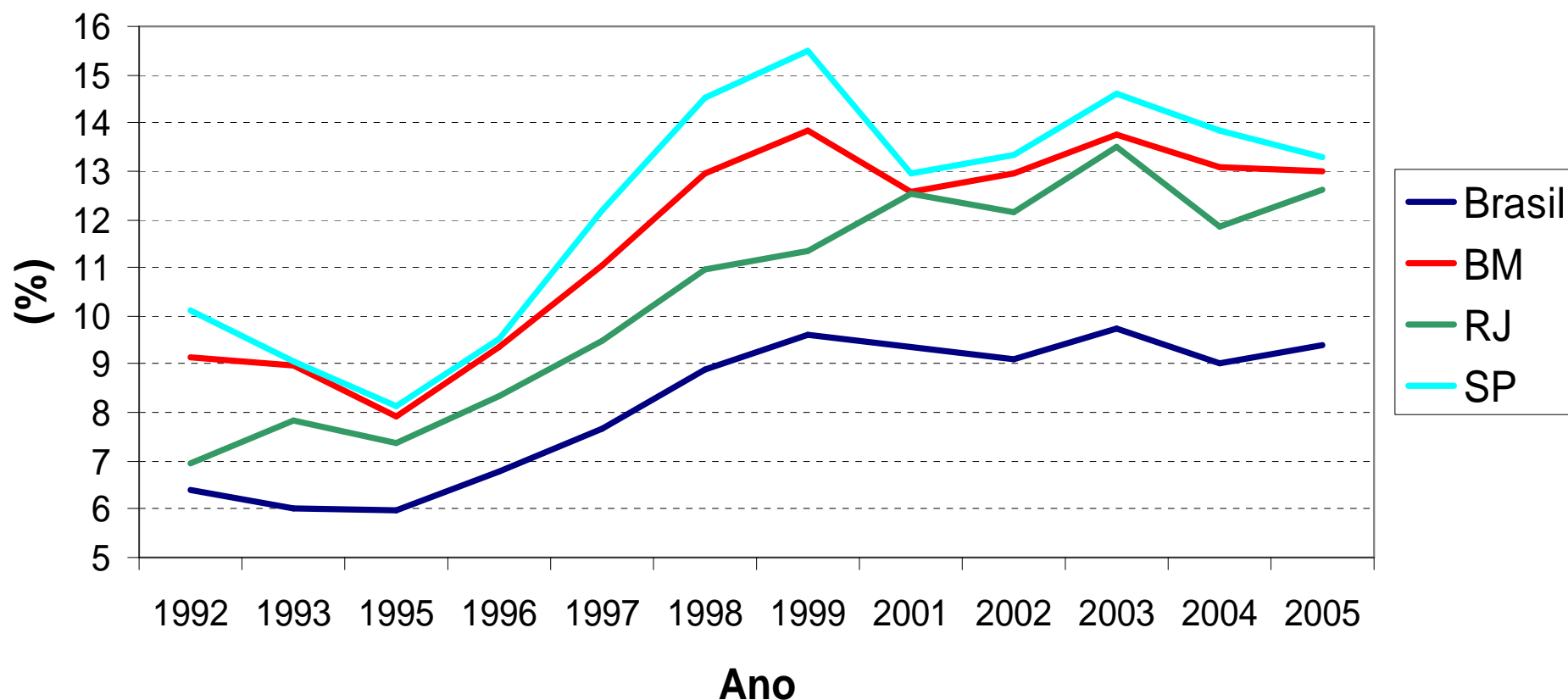
O desemprego tem aumentado mais nas metrópoles que no Brasil como um todo

Taxa de desemprego aberto (PNAD)



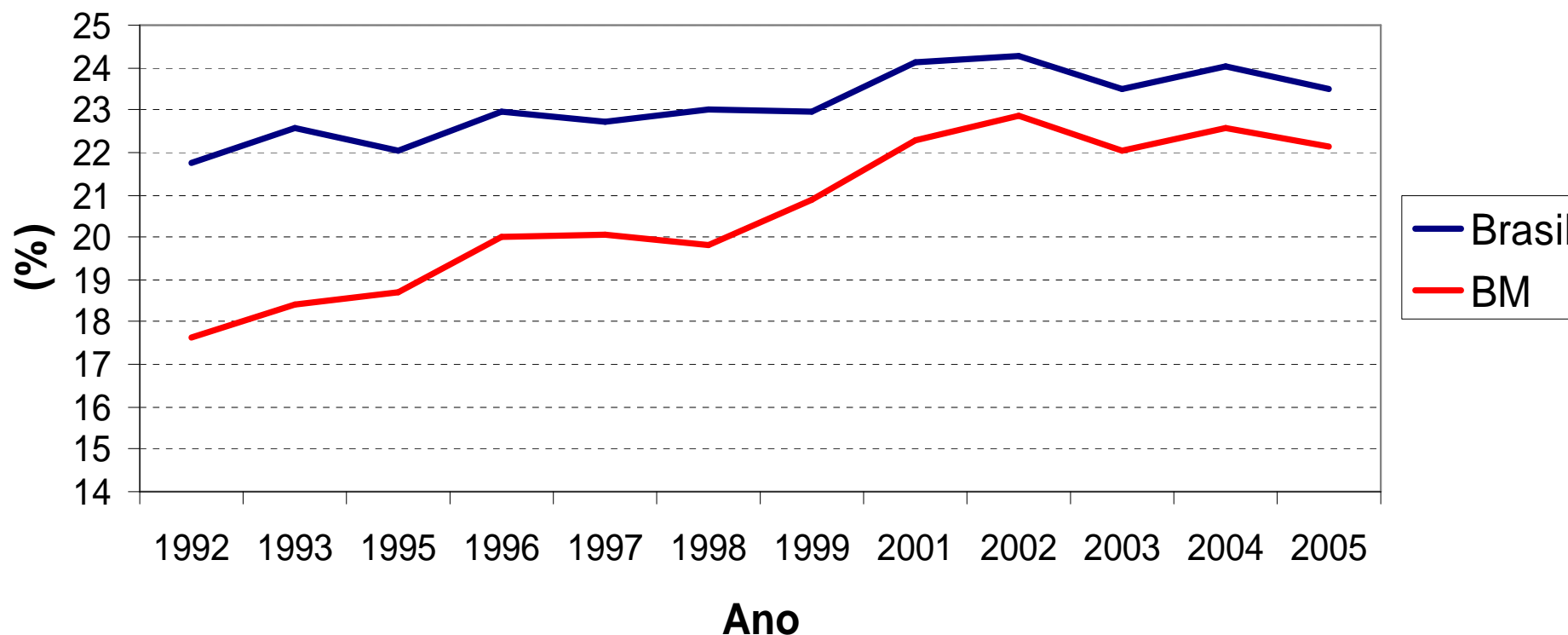
Mas sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro

Taxa de desemprego aberto (PNAD)



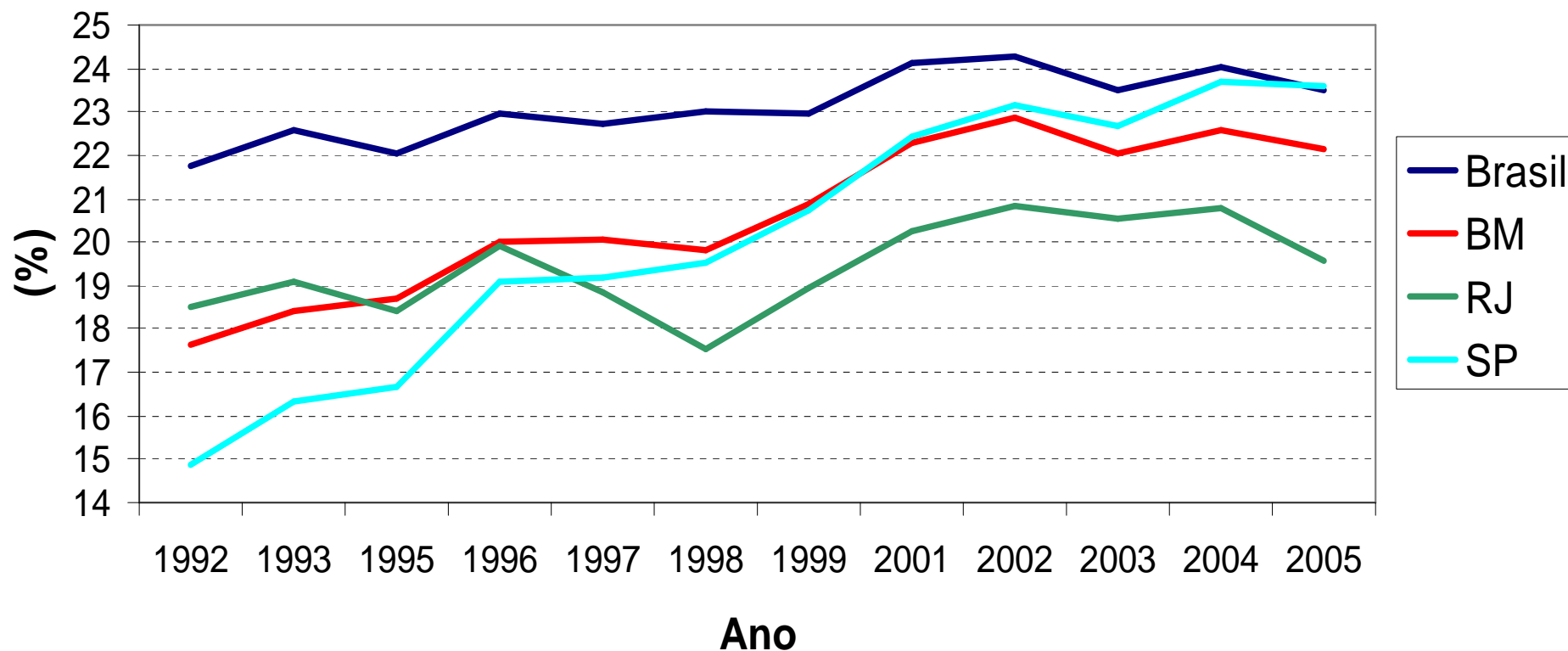
O aumento do emprego sem carteira assinada também foi mais significativo nas metrópoles

Participação do emprego sem carteira assinada na ocupação total



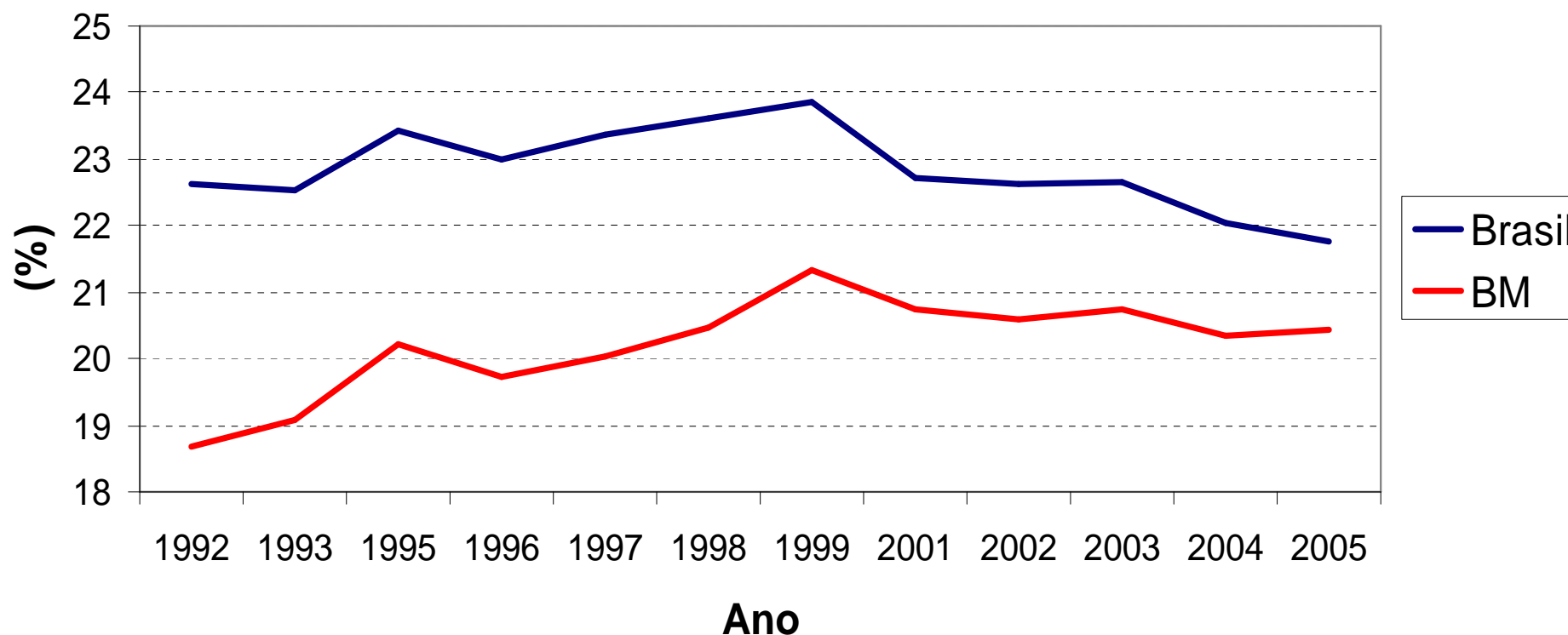
E sobretudo em São Paulo

Participação do emprego sem carteira assinada na ocupação total



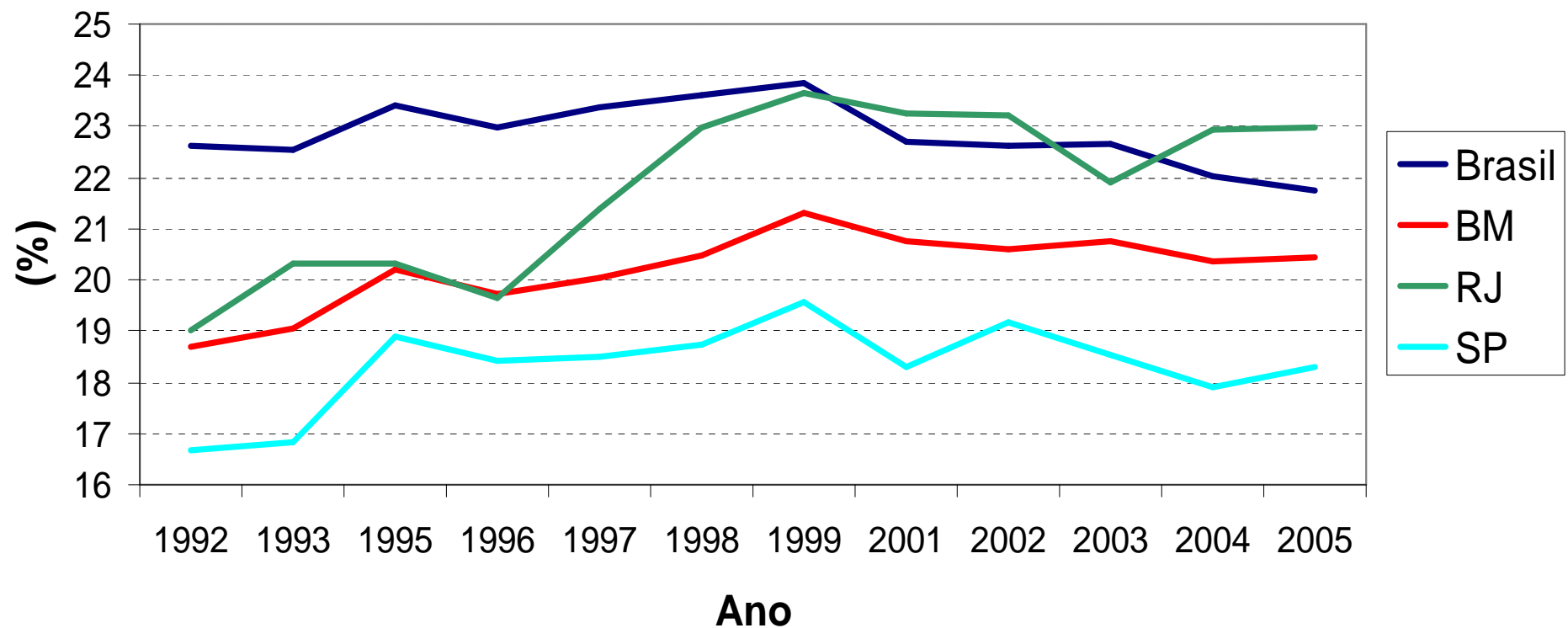
O mesmo ocorre com o trabalho por conta própria

Participação do trabalho por conta própria na ocupação total



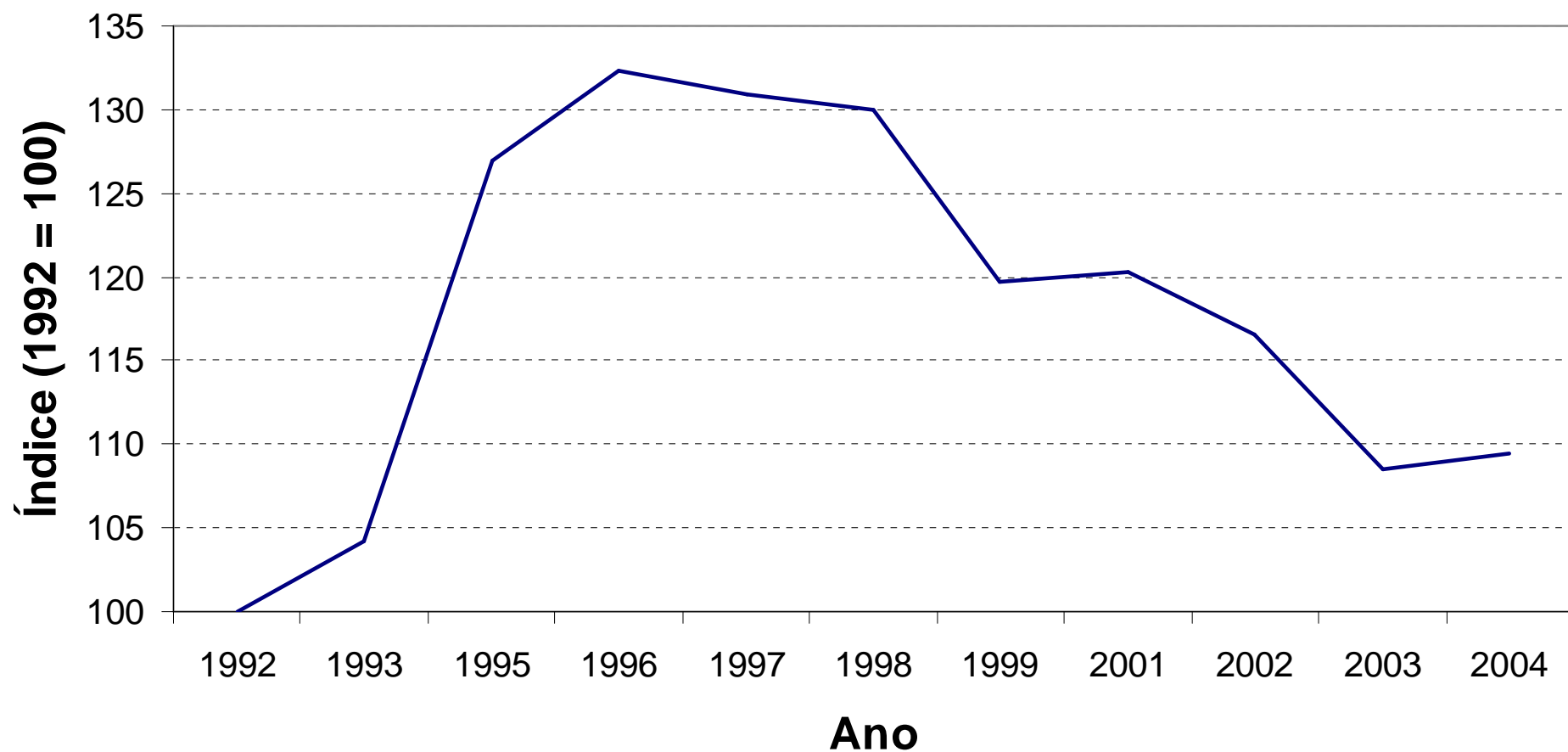
Sobretudo no Rio de Janeiro

Participação do trabalho por conta própria na ocupação total



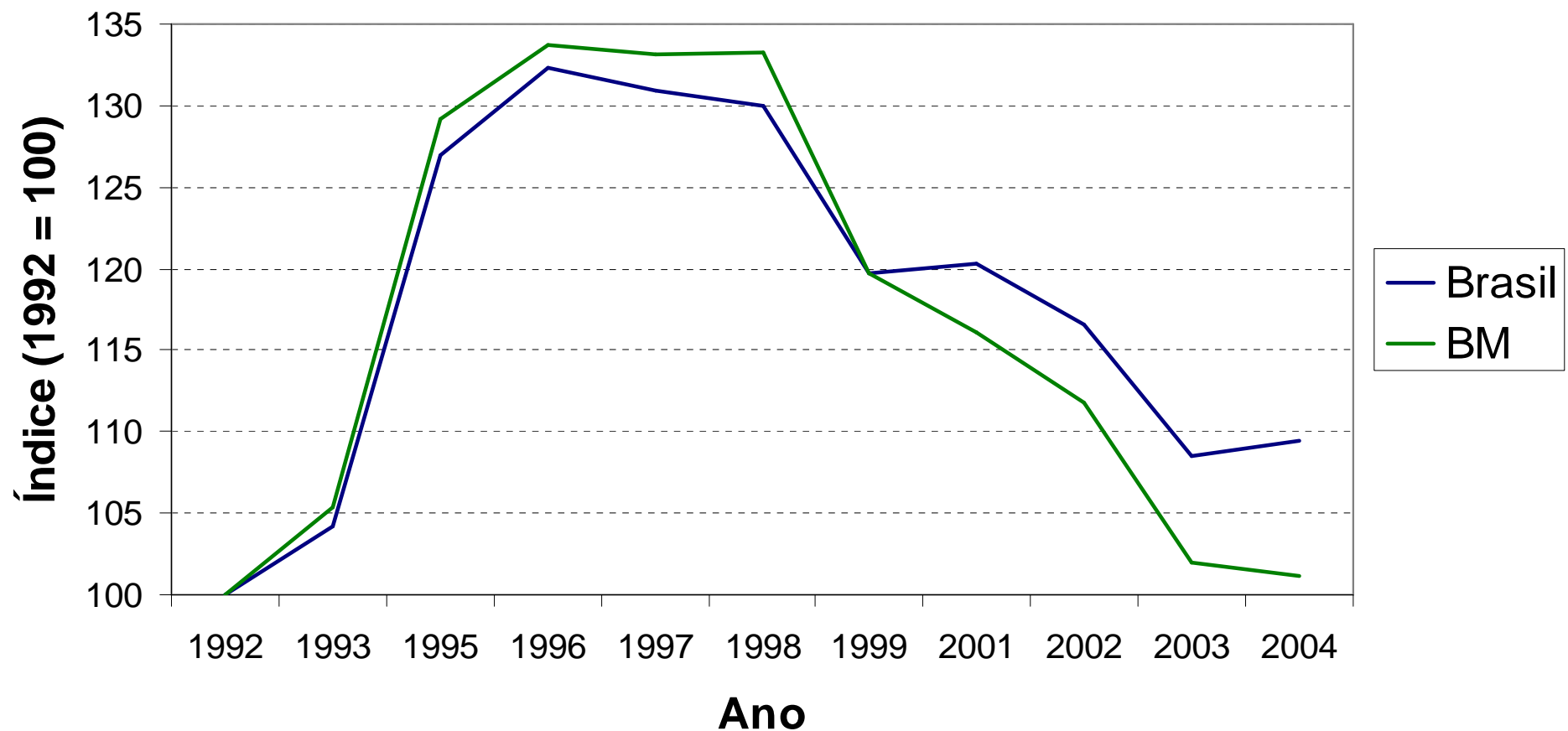
A renda média do trabalho principal no Brasil tem caído desde 1996, mas continua maior que no início dos anos 90

Renda real média do trabalho principal



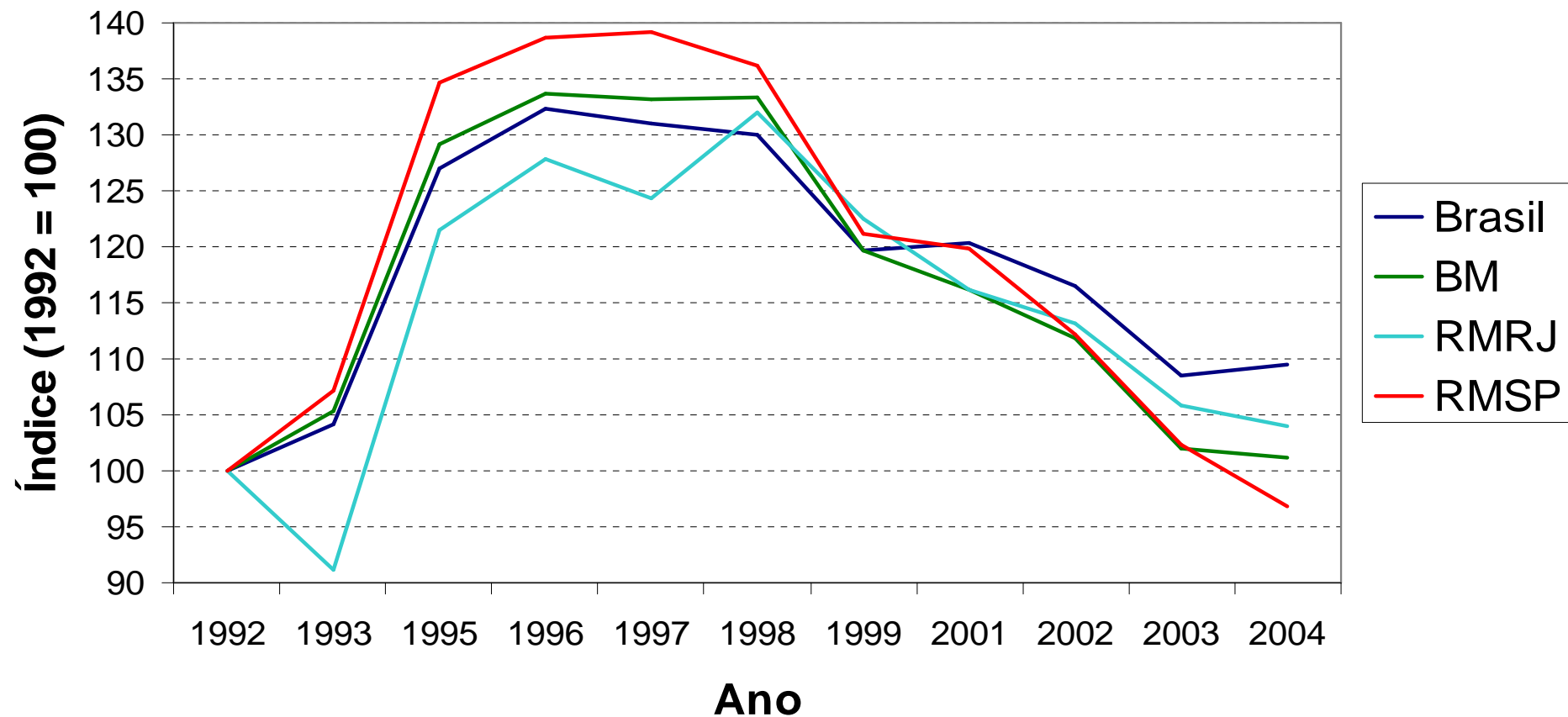
No Brasil metropolitano, a queda começou mais tarde, mas foi mais intensa

Renda real média do trabalho principal



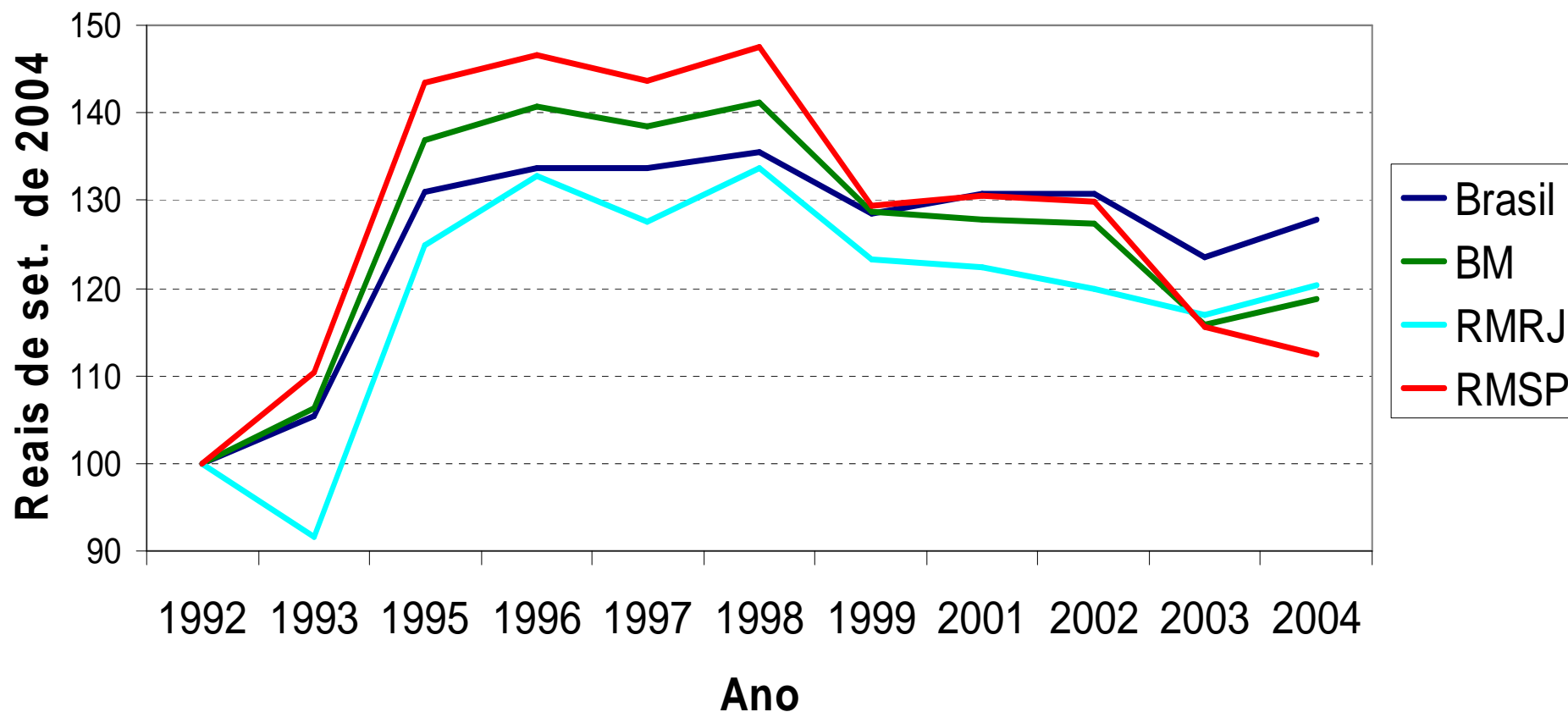
E, em São Paulo, chegou-se a um patamar inferior ao registrado no início dos anos 90

Renda real média do trabalho principal



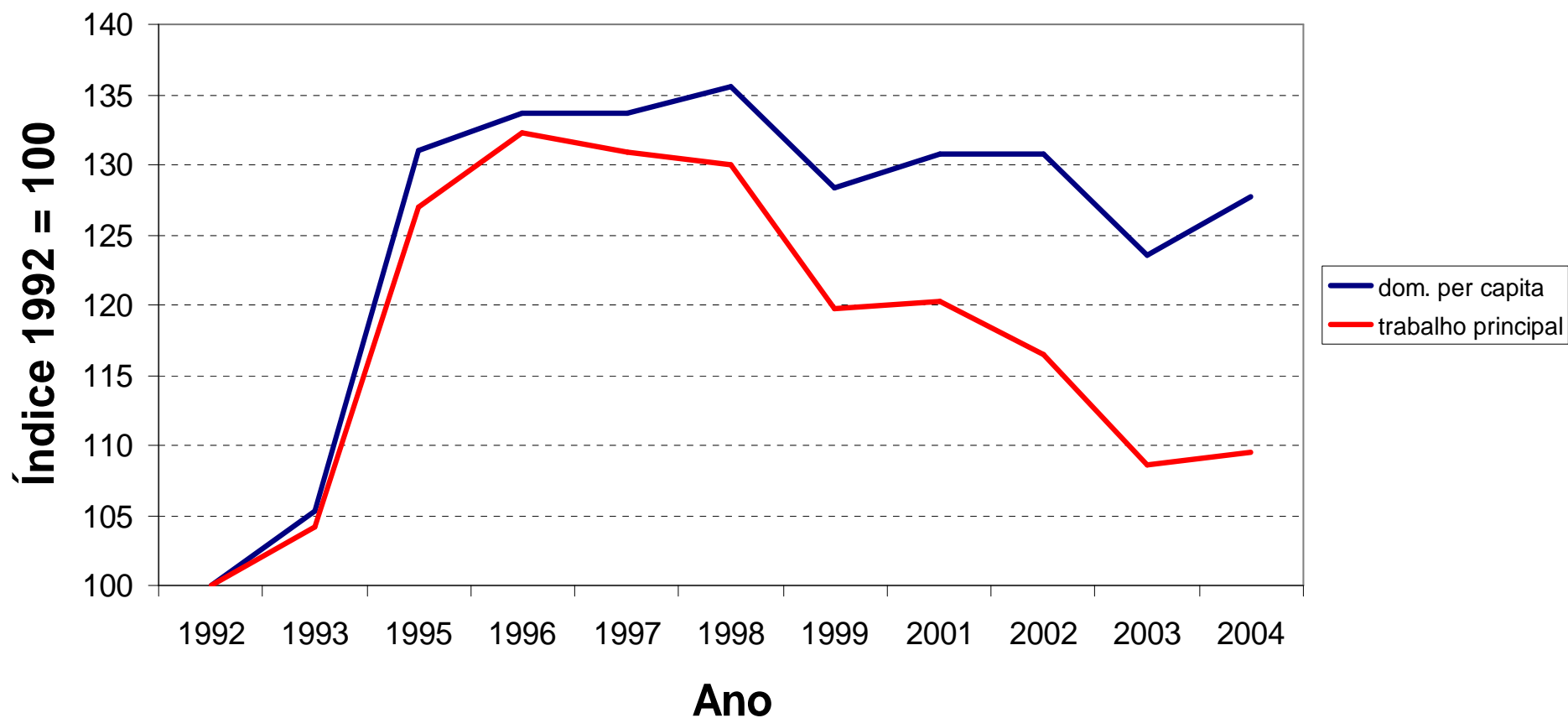
A mesma tendência se verifica, ainda que com menor intensidade, em termos da renda domiciliar per capita

Renda real domiciliar per capita



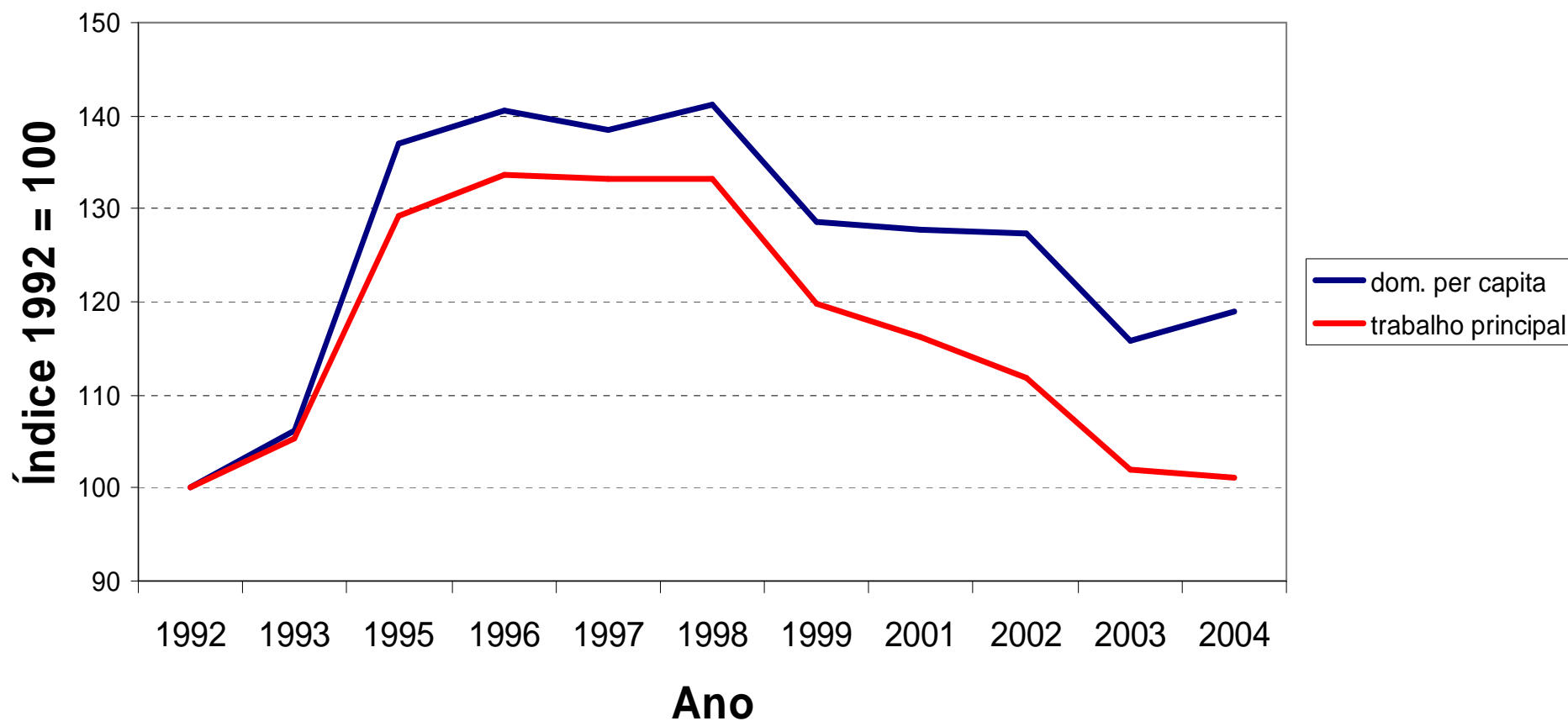
A renda do trabalho principal perde poder explicativo em relação à trajetória da renda domiciliar per capita

Evolução da renda real



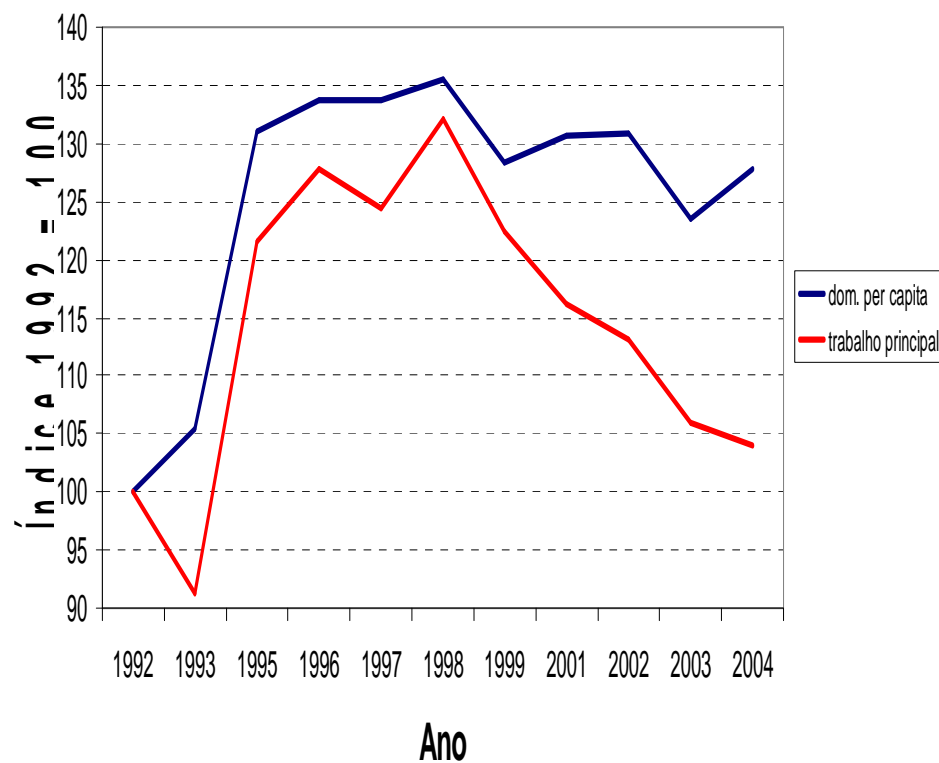
Este mesmo descolamento se produz, com menor intensidade, no Brasil Metropolitano

Renda real no Brasil Metropolitano

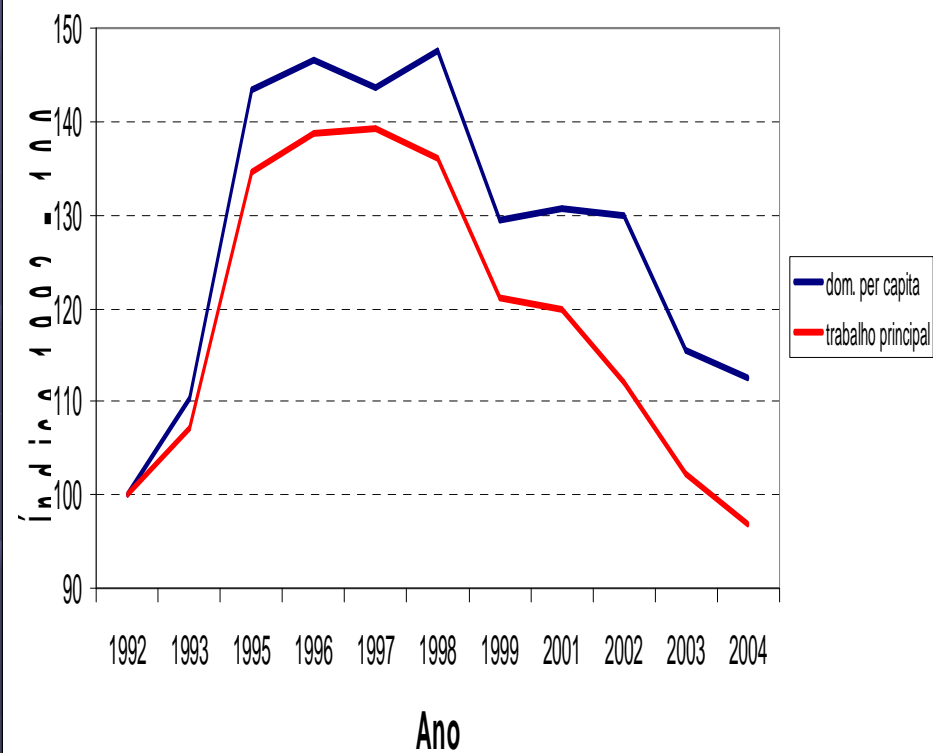


Mas de forma muito acentuada no Rio de Janeiro

Evolução da renda real na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

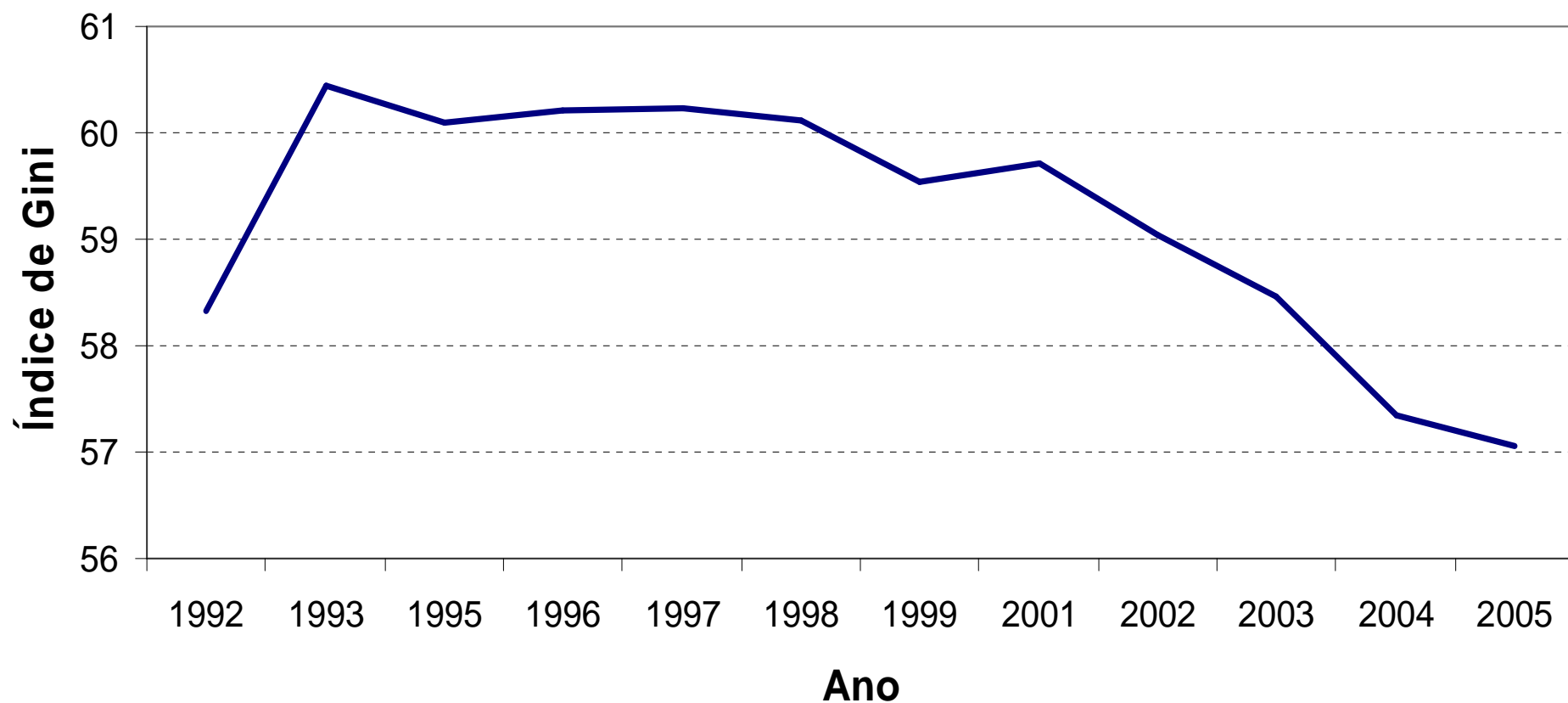


Evolução da renda real na Região Metropolitana de São Paulo



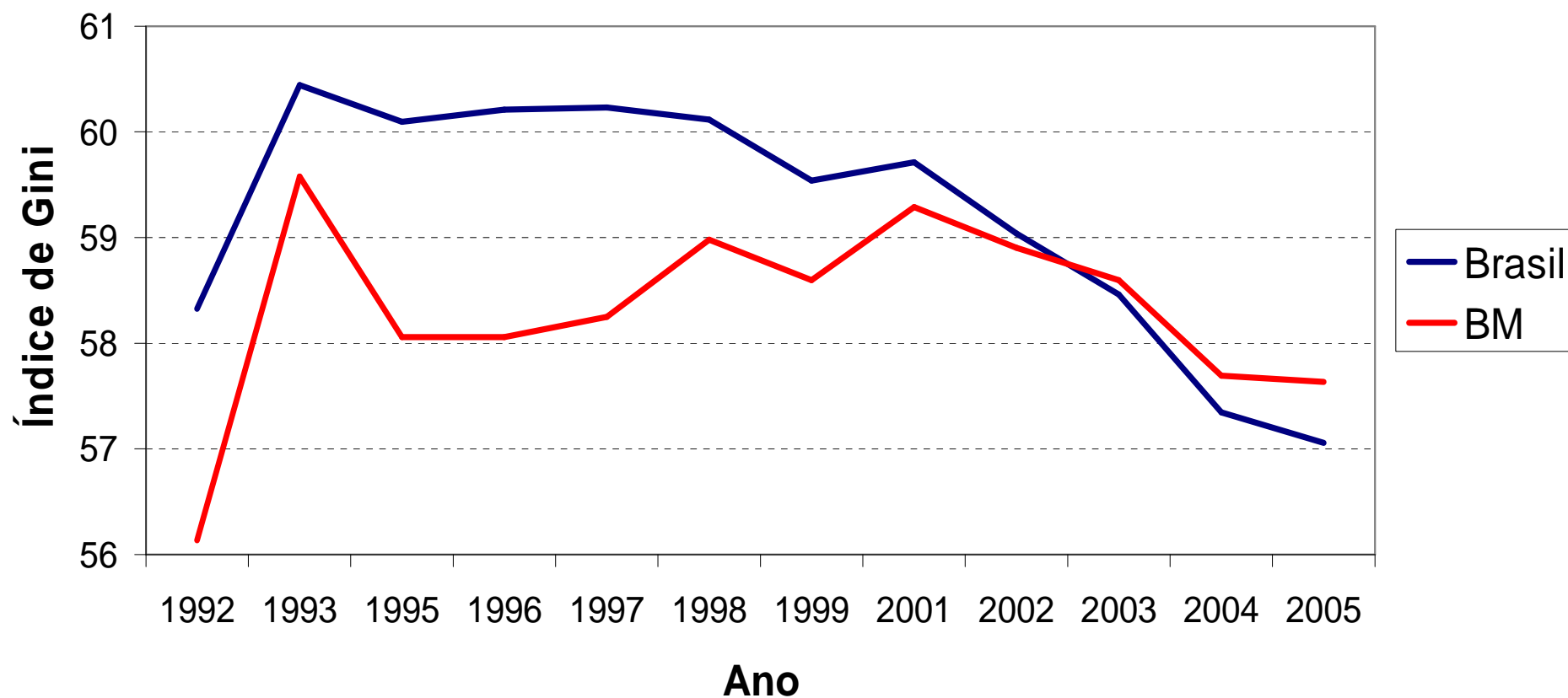
A desigualdade está em queda no Brasil, desde 1997

Desigualdade de renda



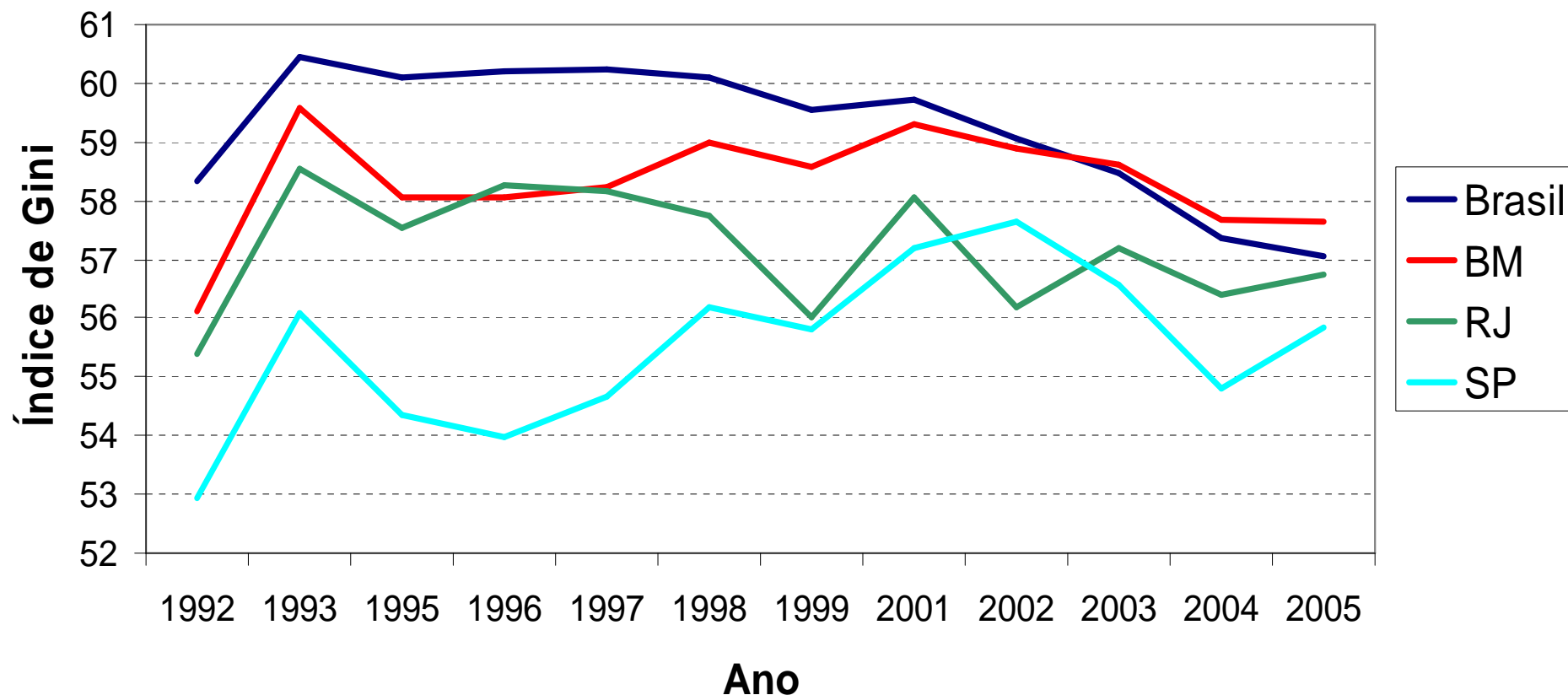
No Brasil Metropolitano, ela só começou a diminuir no início desta década, depois de ter aumentado na segunda metade dos anos 90

Desigualdade de renda



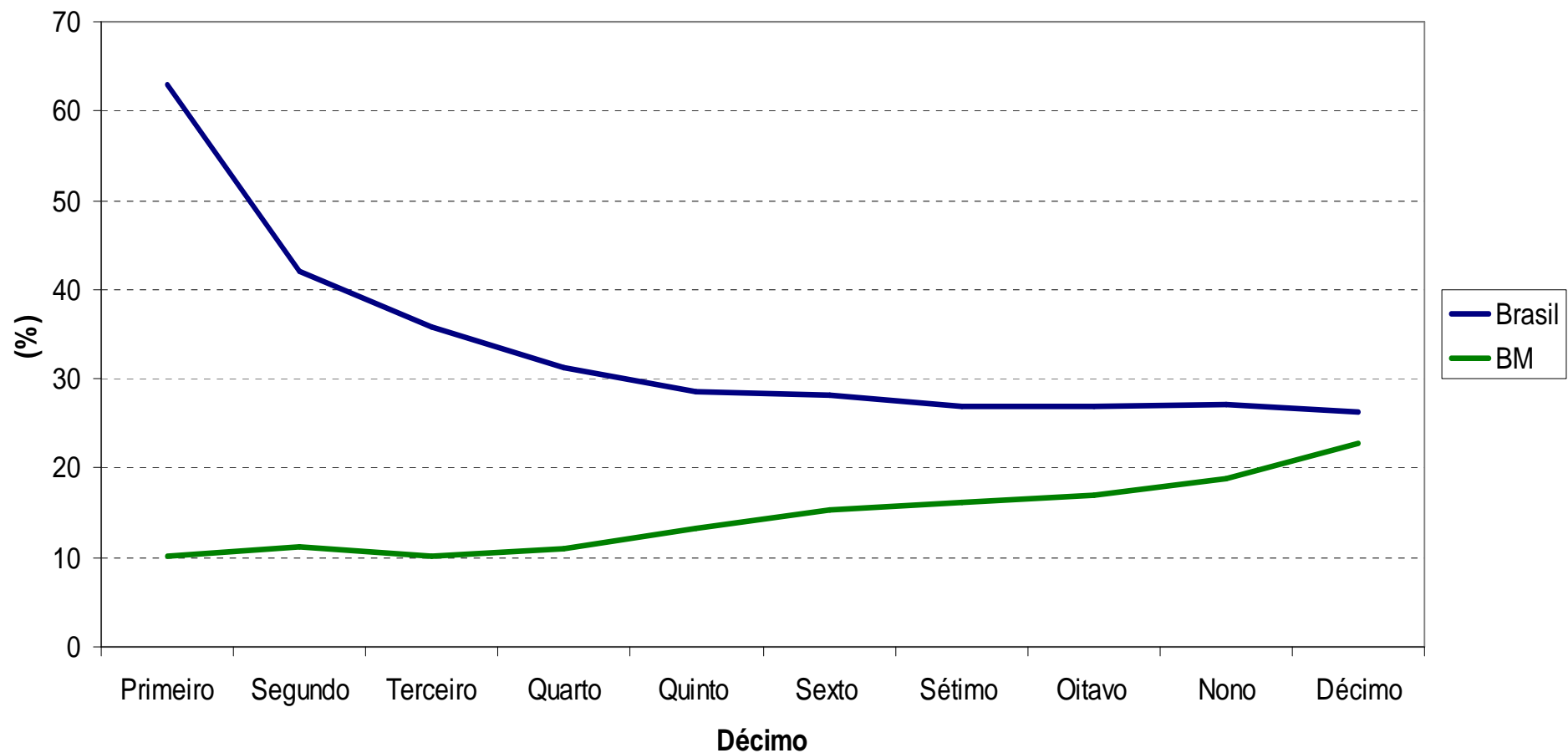
Esta tendência é mais pronunciada em São Paulo

Desigualdade de renda



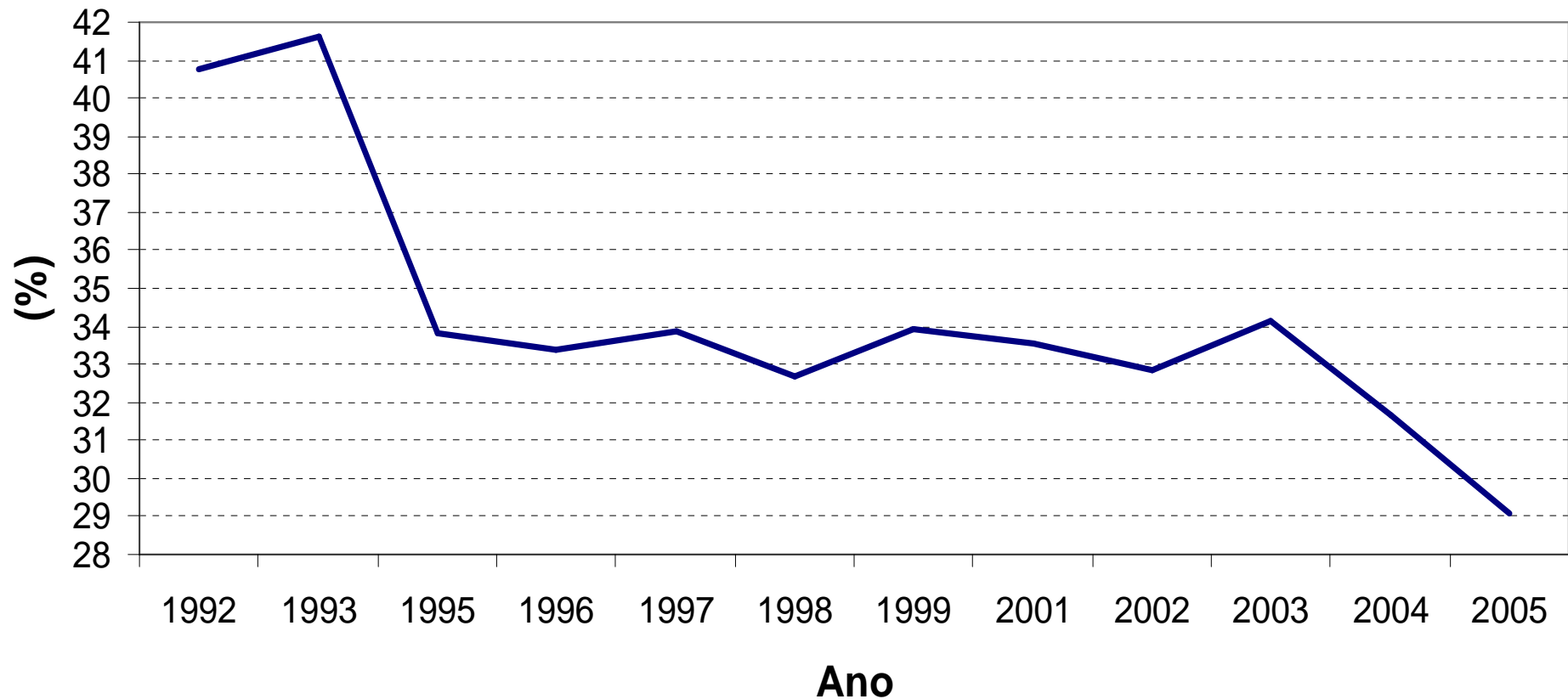
A contramão metropolitana

Varição da renda média entre 1992 e 2004



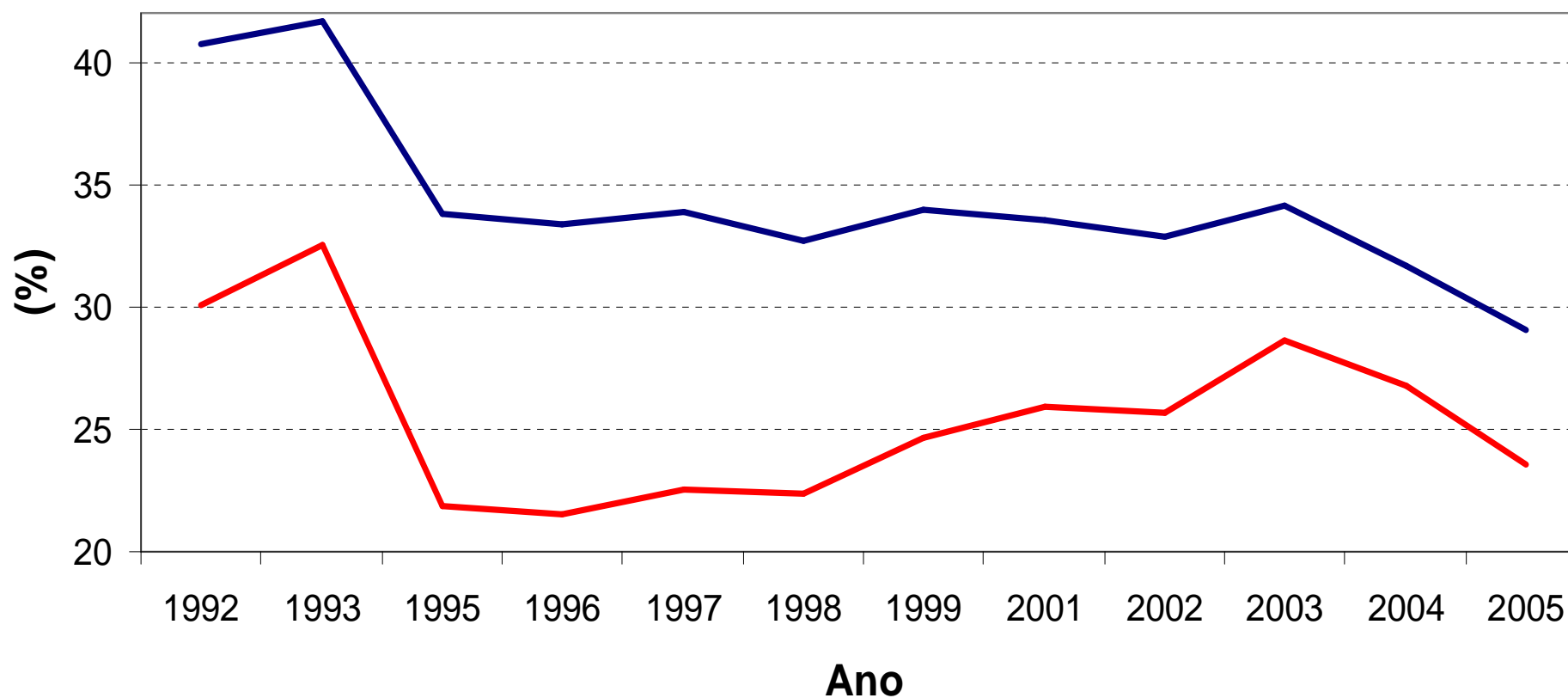
A pobreza no Brasil caiu abruptamente depois do plano Real, se manteve estável entre 1995 e 2003, e tem de novo caído a partir de então

Proporção de pobres



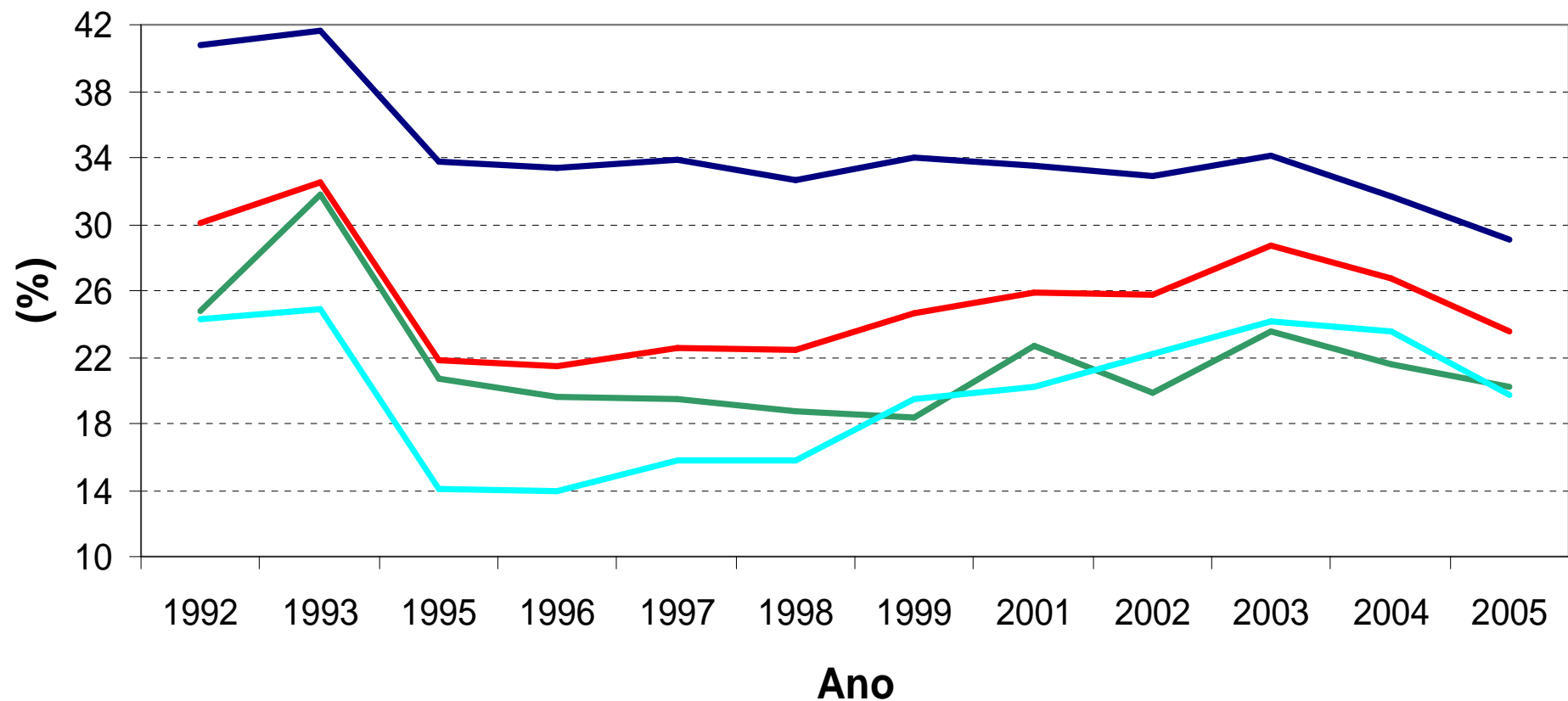
Já no Brasil Metropolitano, hoje há mais pobreza que em meados dos anos 90, apesar da queda recente

Proporção de pobres



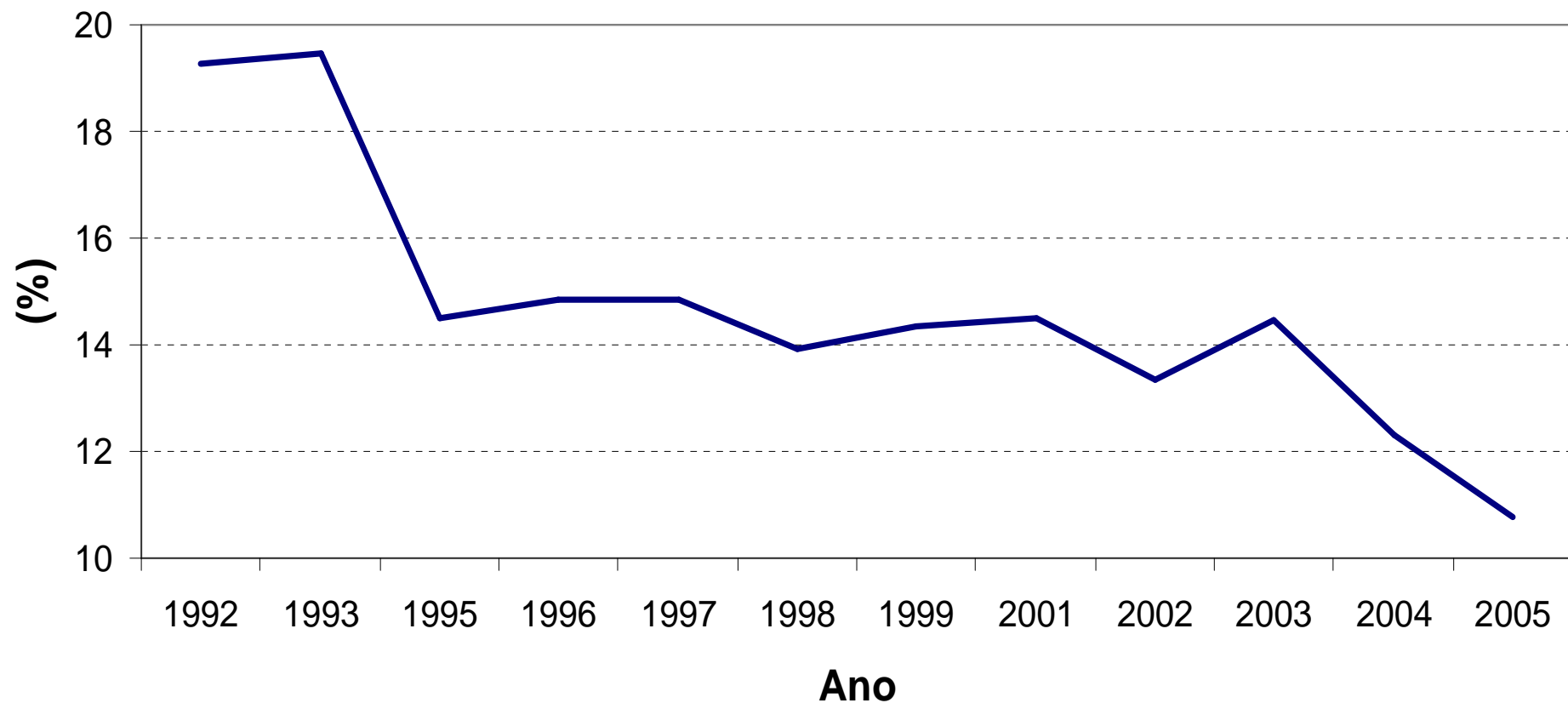
E, mais uma vez, sobretudo em São Paulo

Proporção de pobres



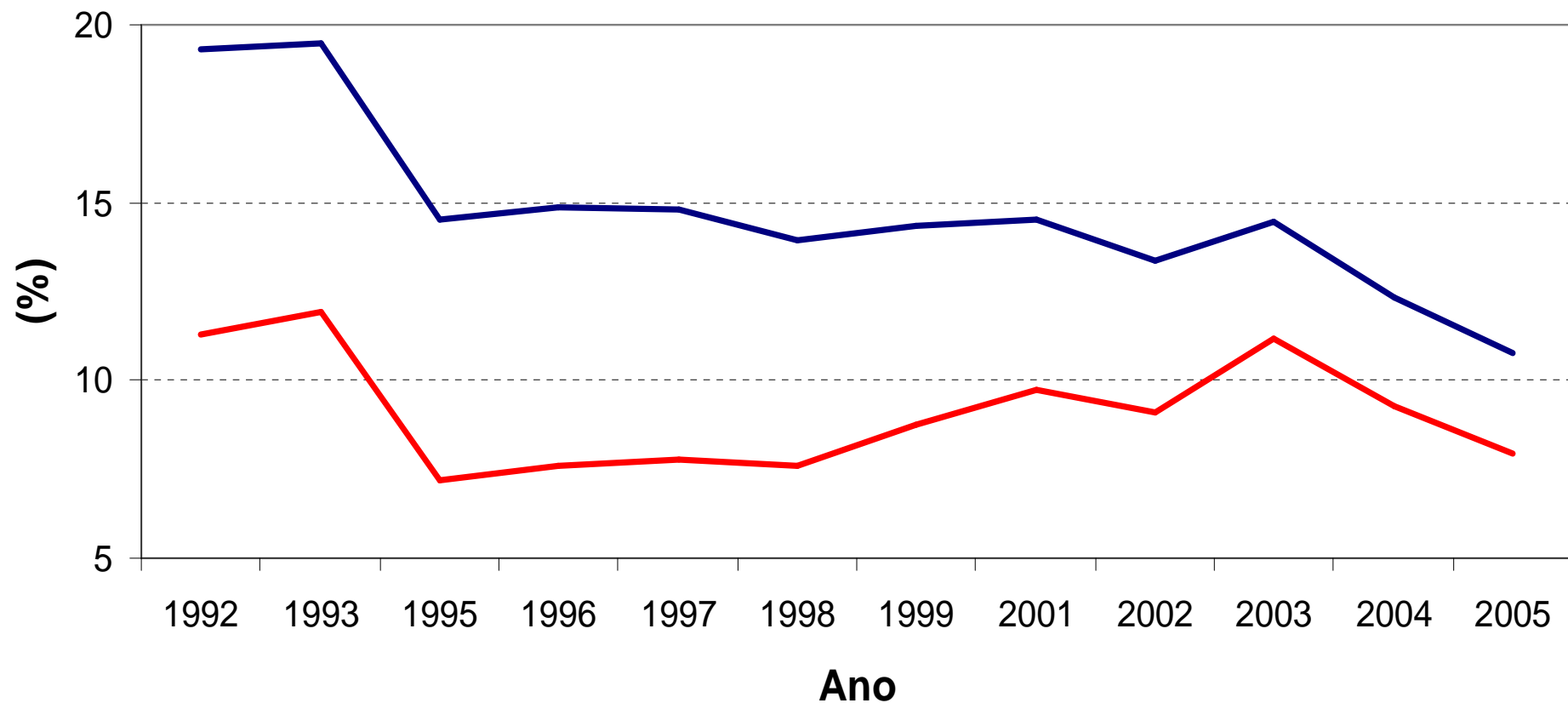
O mesmo acontece com a indigência,
seja no Brasil como um todo...

Proporção de indigentes



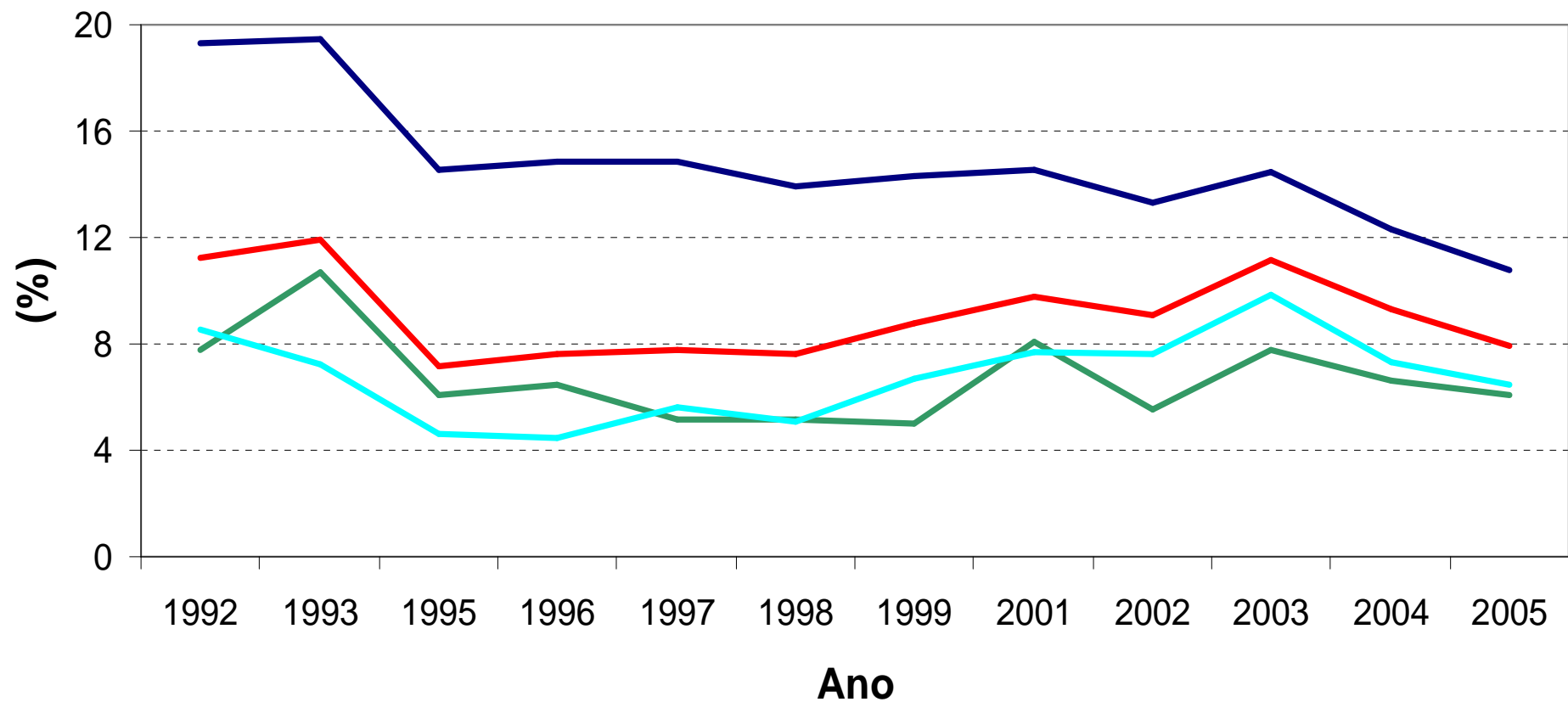
No Brasil Metropolitano...

Proporção de indigentes



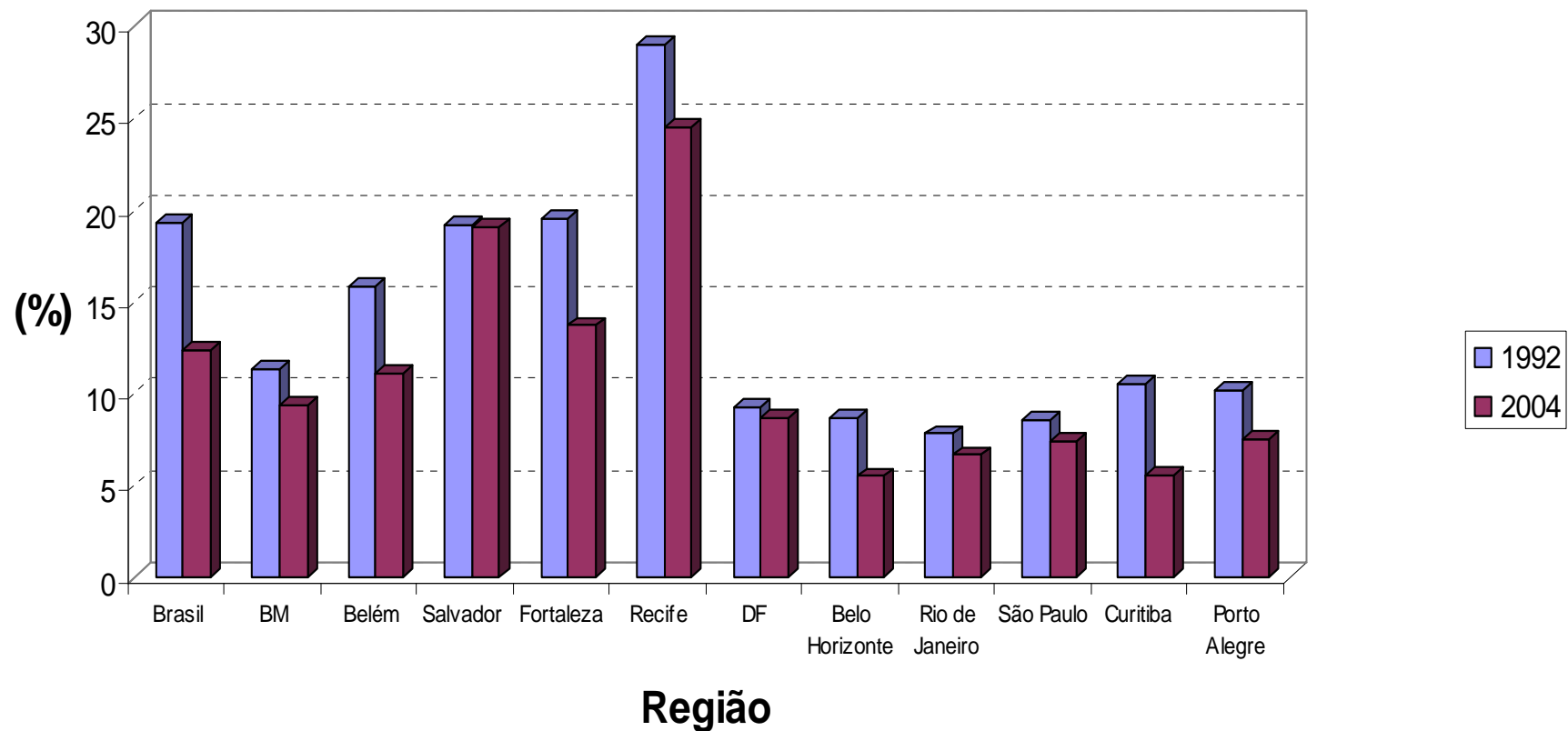
Ou em São Paulo

Proporção de indigentes



Há regiões metropolitanas em que a indigência em 2004 voltou a patamares pré-Plano Real

Proporção de indigentes



Proposta de classificação de camadas socioeconômicas (PNAD 2004)

Abaixo da linha de indigência: *indigentes* (12,3%)

Acima da LI, mas abaixo da linha de pobreza: *pobres* (19,4%)

Acima da LP, mas abaixo da mediana: *camada média baixa (CMB)* (18,3%)

Acima da mediana, mas abaixo do terceiro quartil: *camada média média (CMB)* (25%)

Acima do terceiro quartil, mas abaixo do nono decil: *camada média alta (CMA)* (15%)

Acima do nono decil, mas abaixo do último percentil: *ricos* (9%)

1% mais ricos: *riquíssimos* (1%)

Quem é quem no Brasil?

Renda domiciliar per capita, PNAD 2004

Indigentes: abaixo de 77 R\$

Pobres: de 77 R\$ a 154 R\$

Camada média baixa (CMB): de 154 R\$ a 248 R\$

Camada média média (CMM): de 248 R\$ a 489 R\$

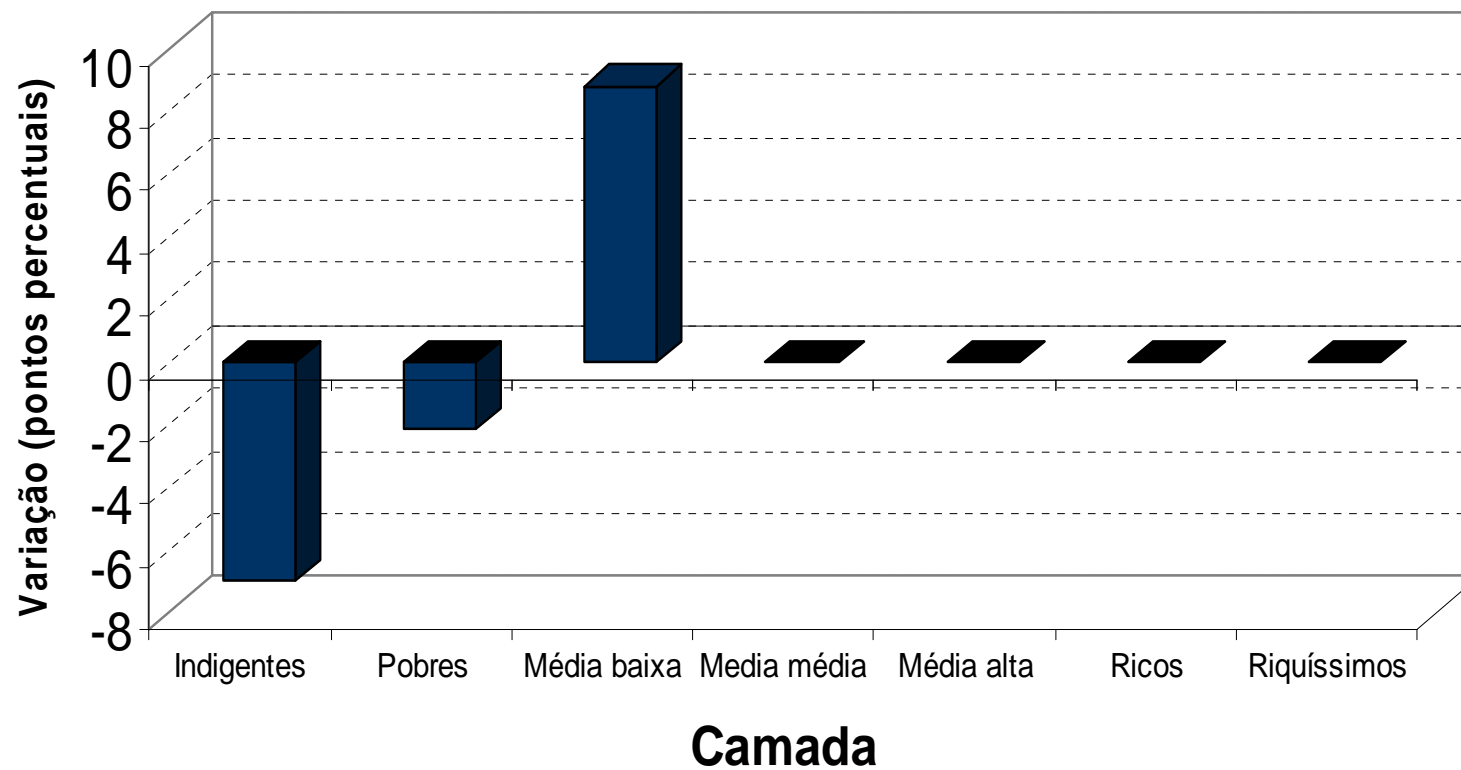
Camada média alta (CMA): de 489 R\$ a 980 R\$

Ricos: de 980 R\$ a 3600 R\$

Riquíssimos: acima de 3600 R\$

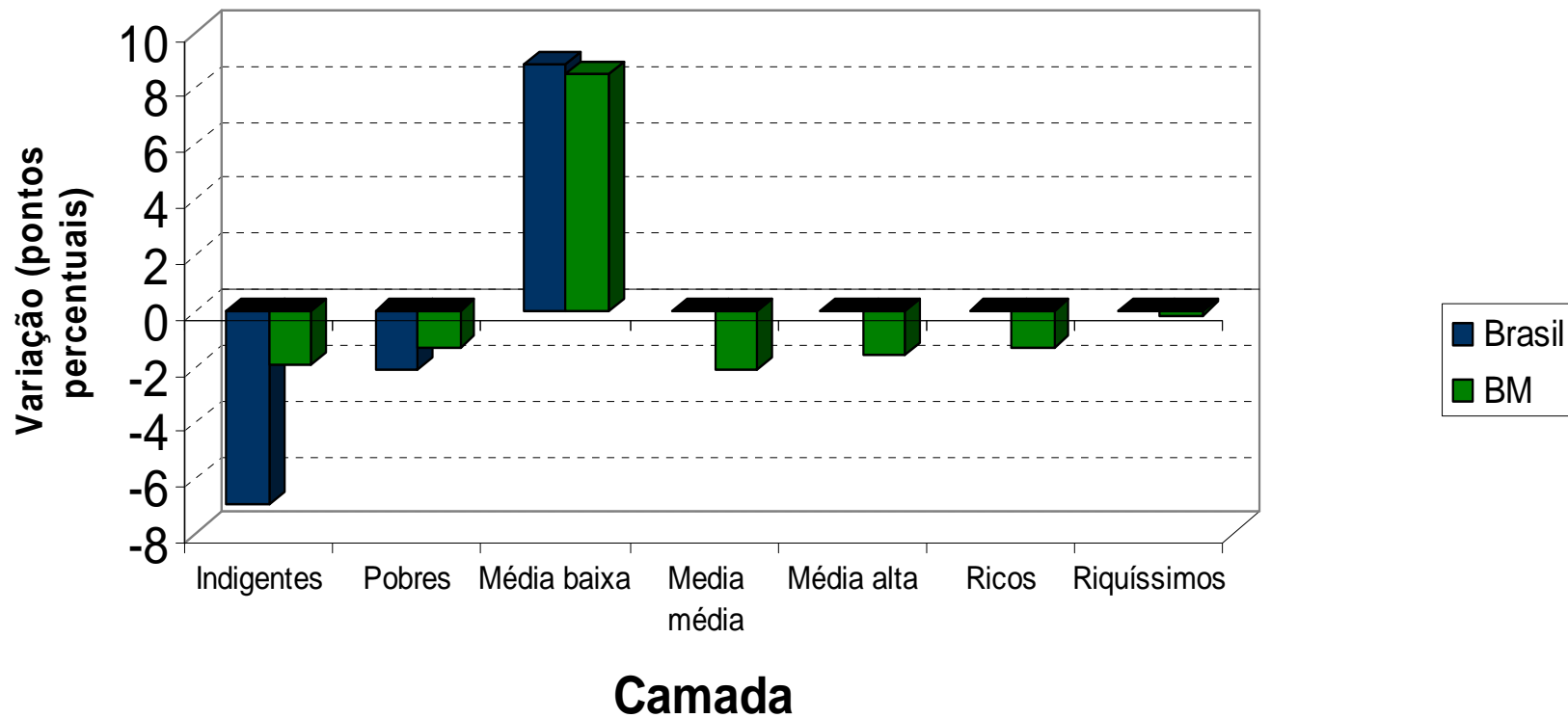
A queda da pobreza no Brasil

**Dinâmica das camadas socioeconômicas
1992-2004**



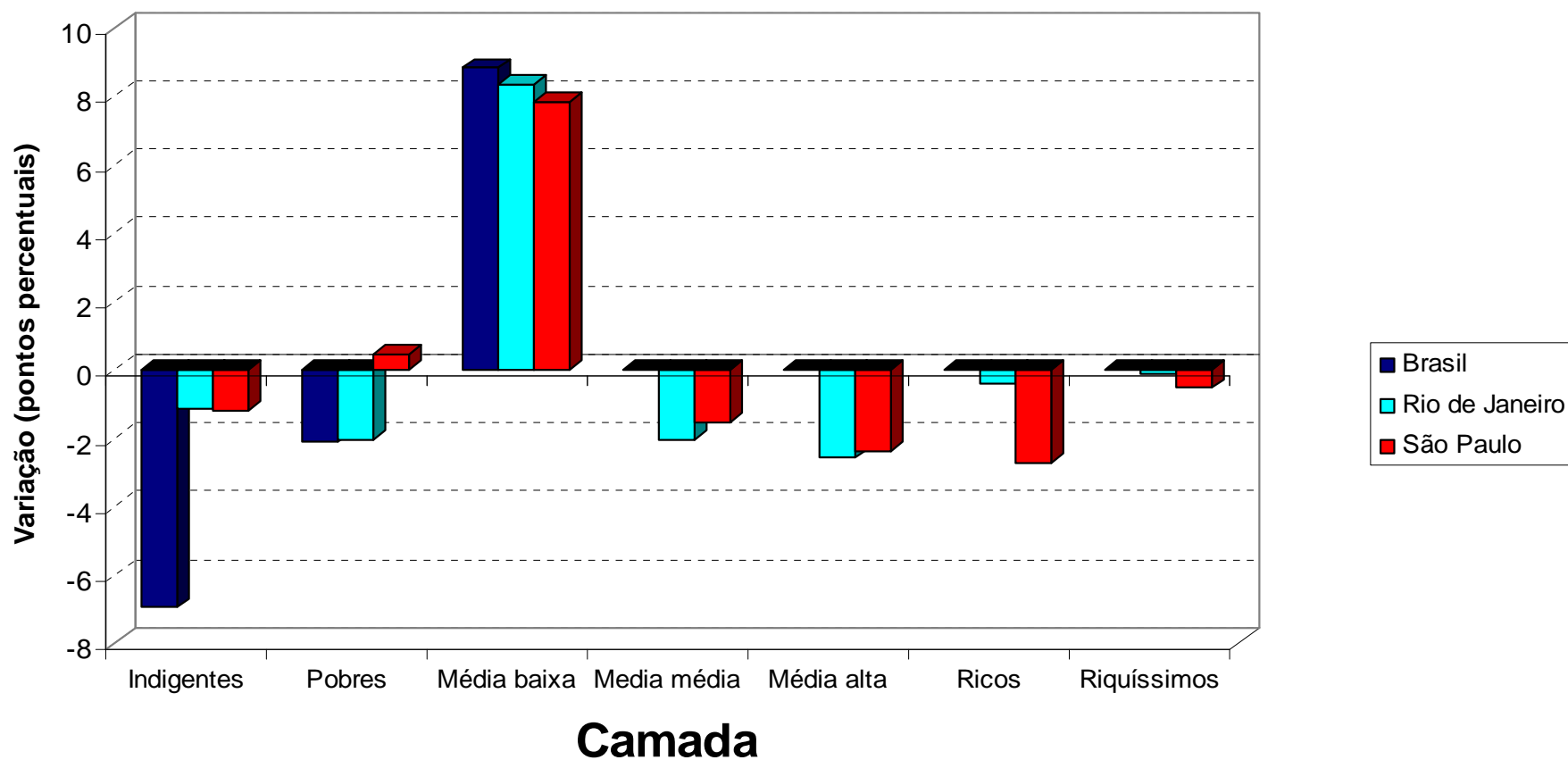
O nivelamento por baixo do Brasil metropolitano

**Dinâmica das camadas socioeconômicas
1992-2004**



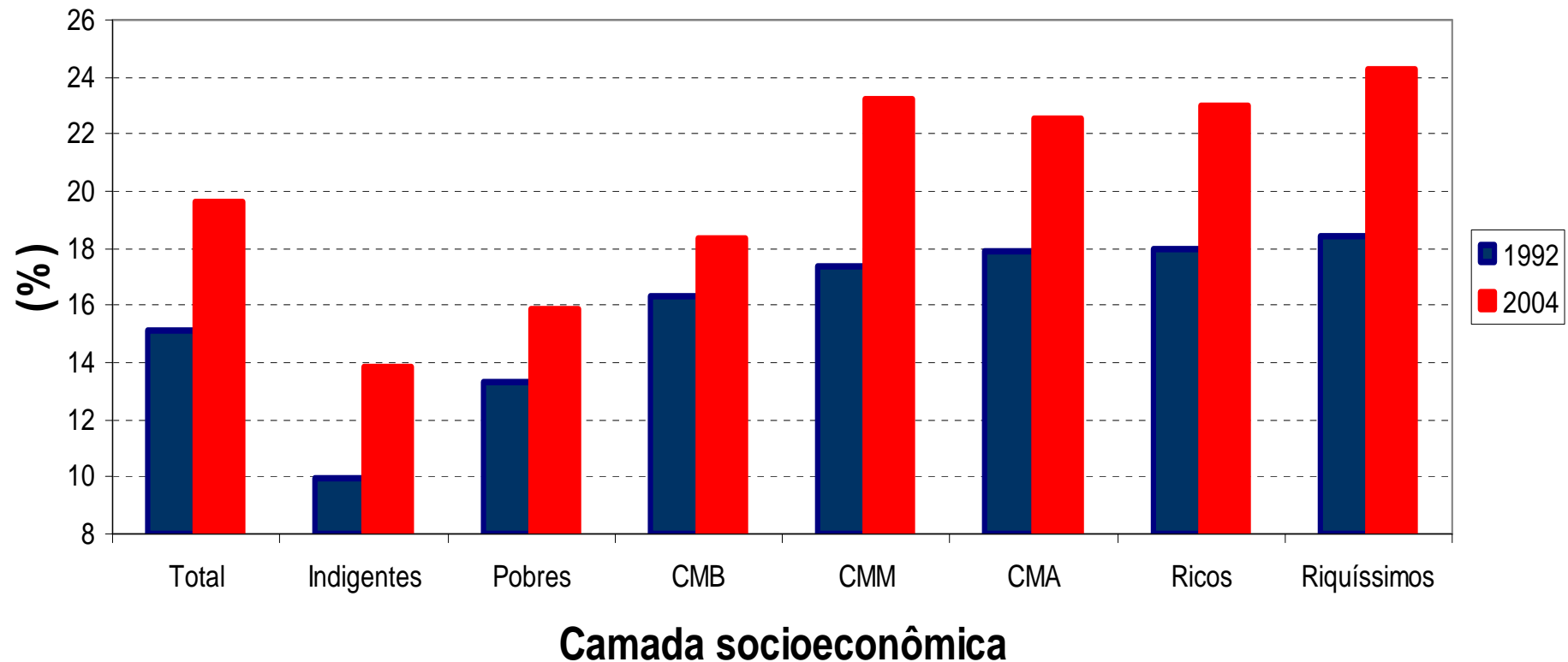
A decadência paulistana

Dinâmica das camadas socioeconômicas



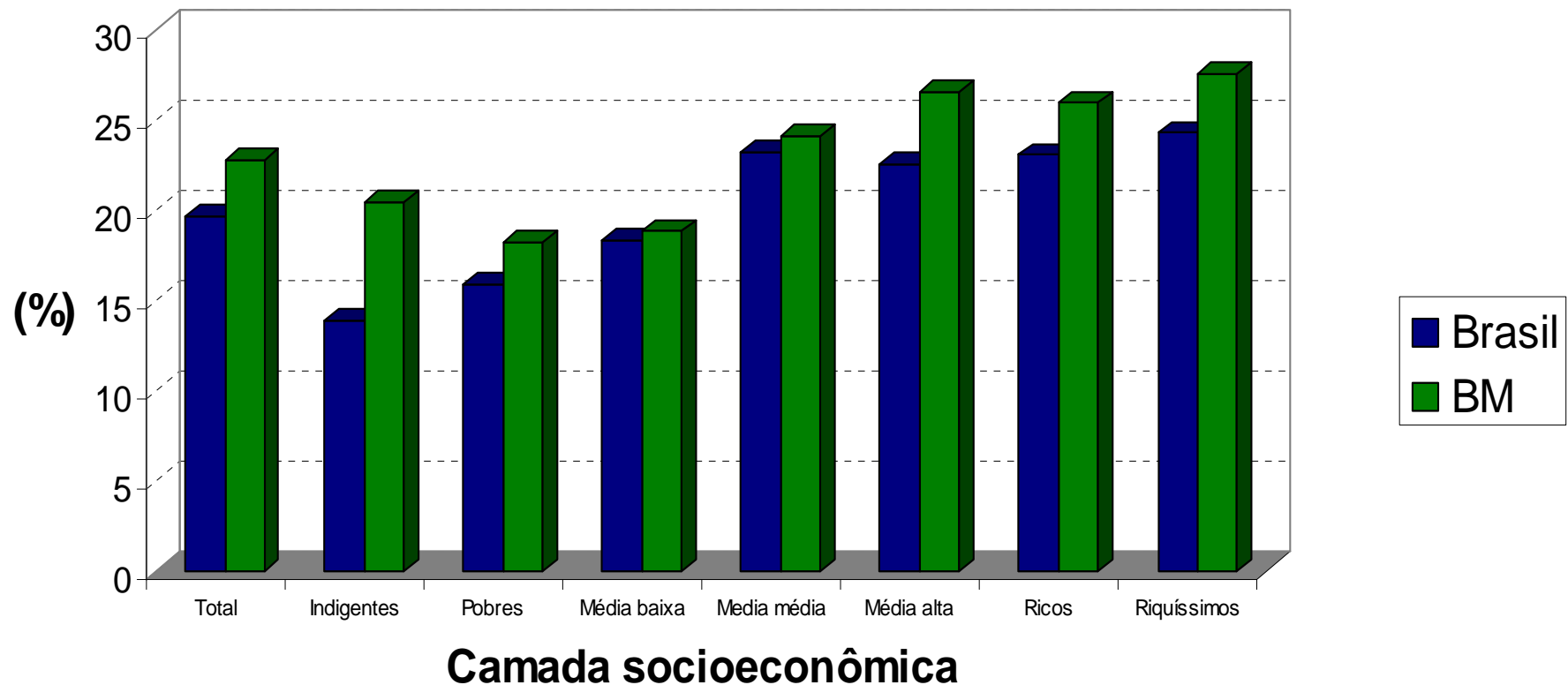
A inatividade não apenas cresce, mas se torna mais iníqua

Participação dos domicílios chefiados por inativos no Brasil



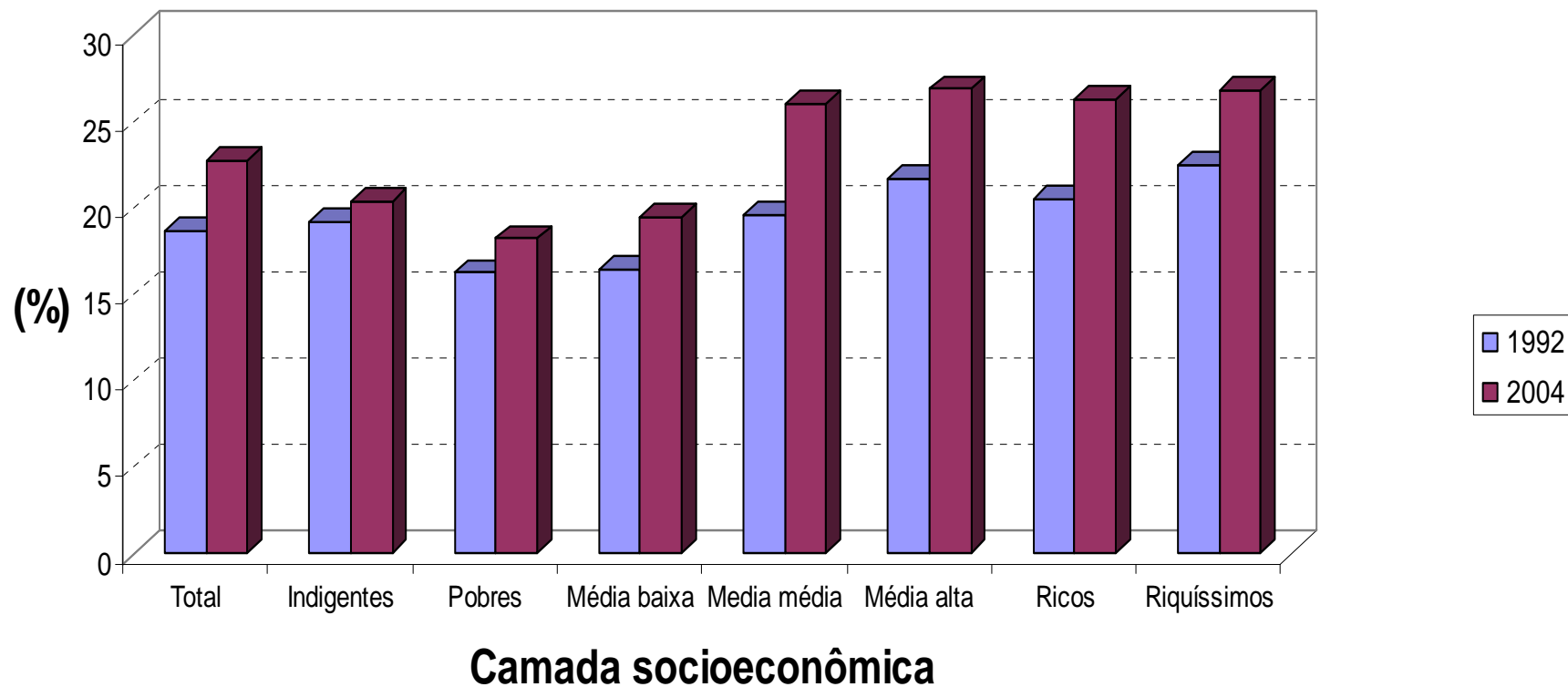
Esta tendência é mais acentuada no Brasil Metropolitano

Participação de famílias chefiadas por inativos PNAD 2004



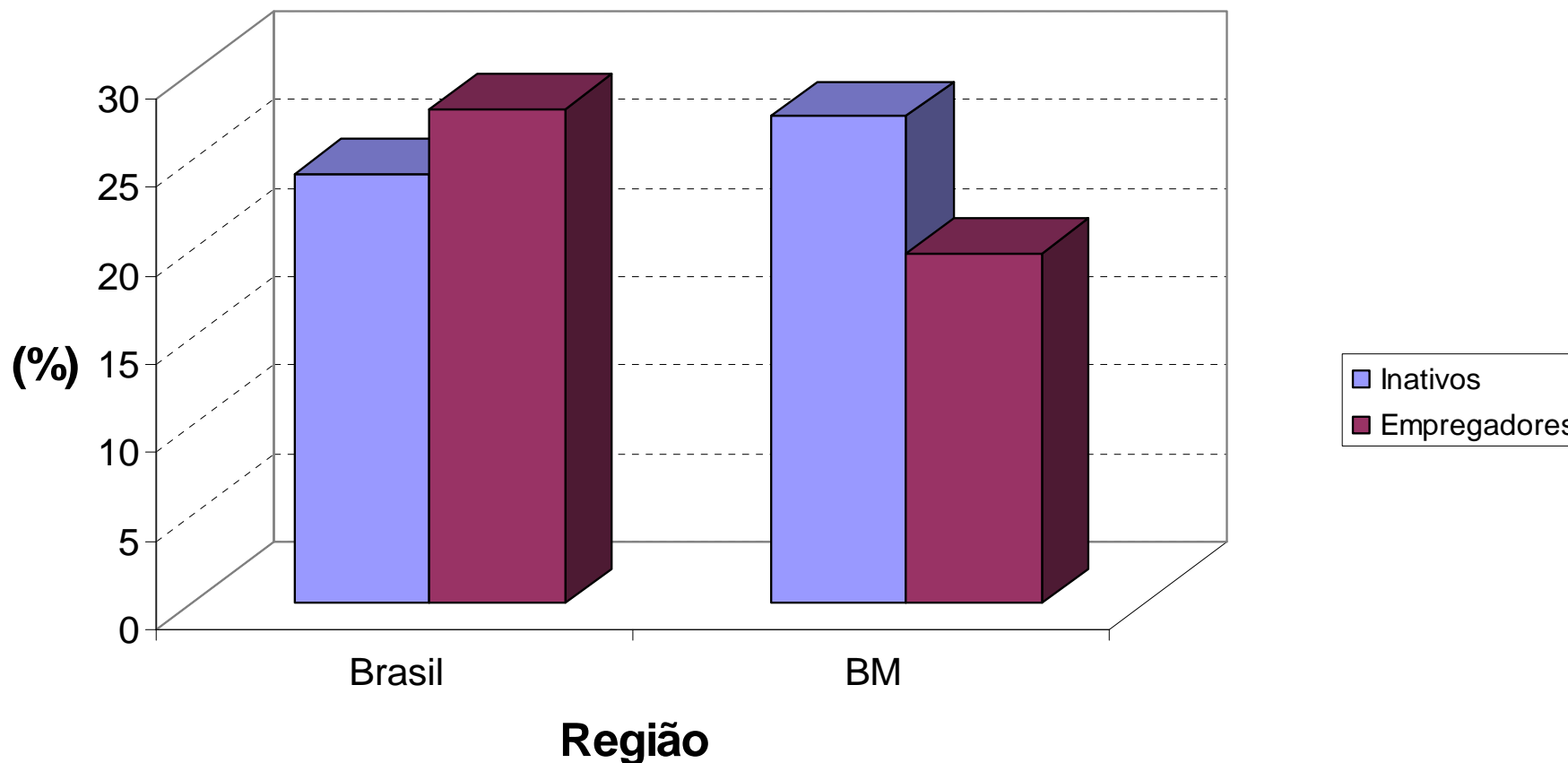
Ela é crescente...

Proporção de famílias chefiadas por inativos no Brasil metropolitano



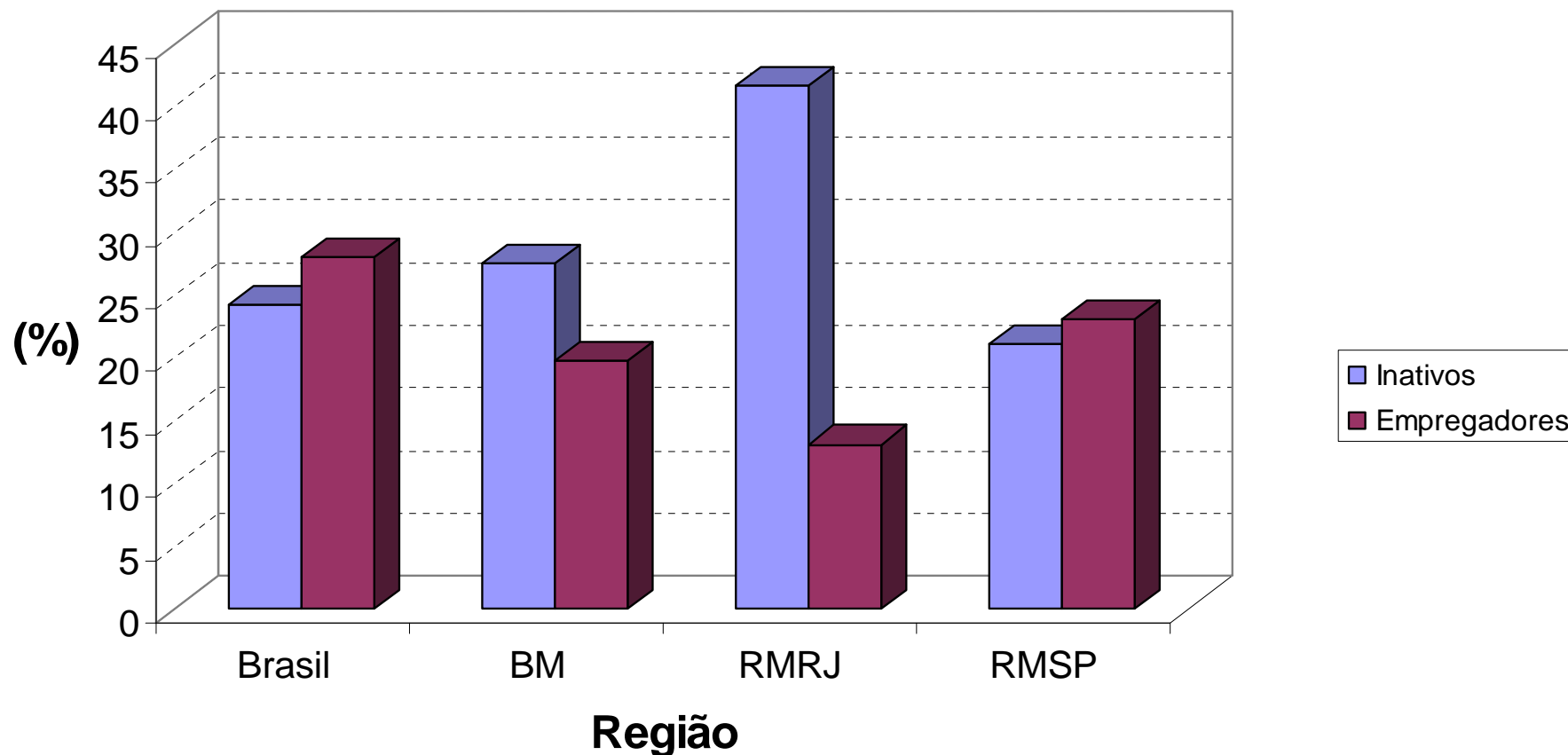
Enquanto no Brasil como um todo as elites olham mais pra frente, nas metrópoles elas tendem a olhar para trás

Participação nos riquíssimos



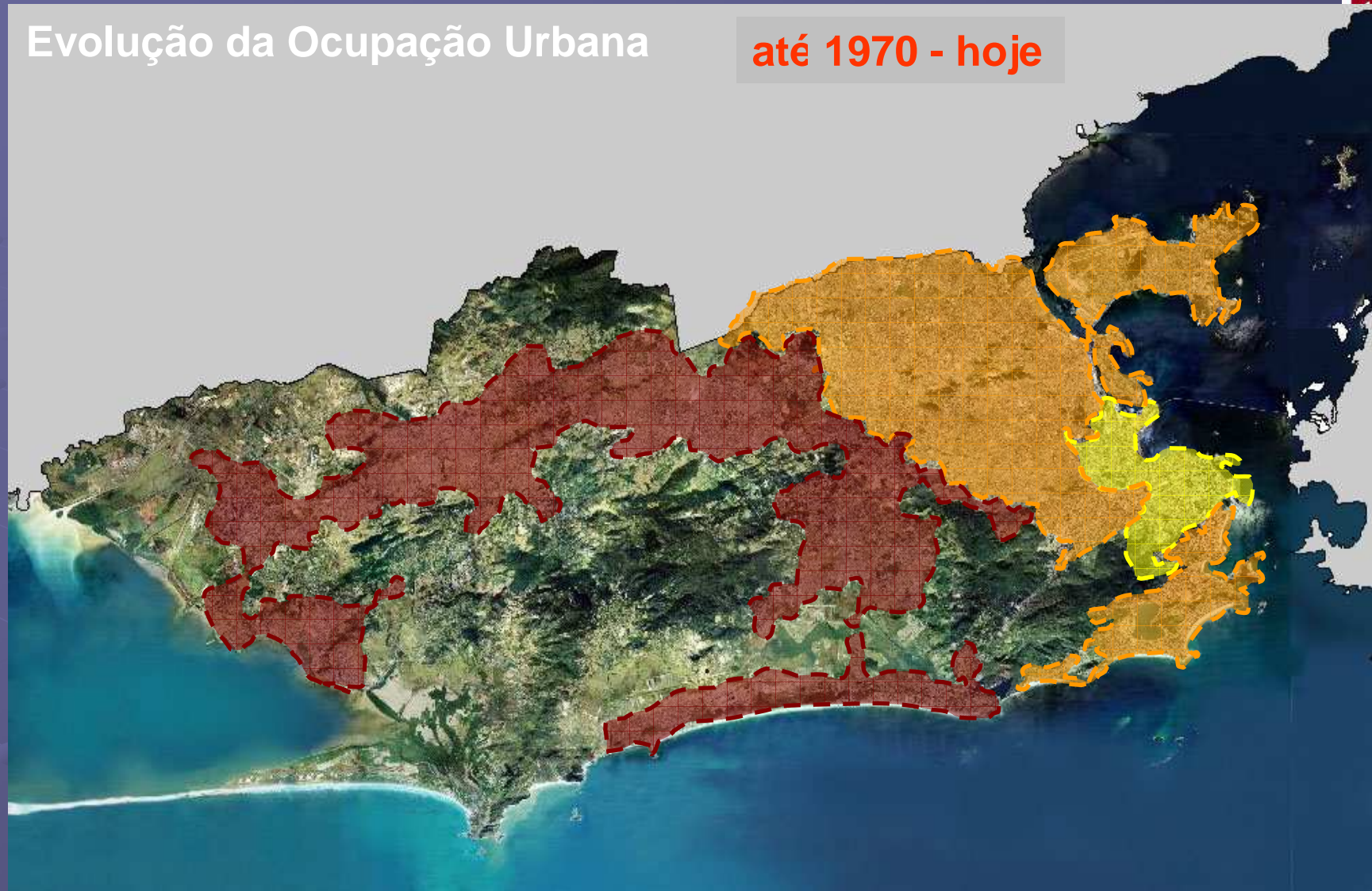
A captura do Rio pela elite aposentada

Participação nos riquíssimos



Evolução da Ocupação Urbana

até 1970 - hoje



...os de história; mesmo sítio





Arco do Triunfo



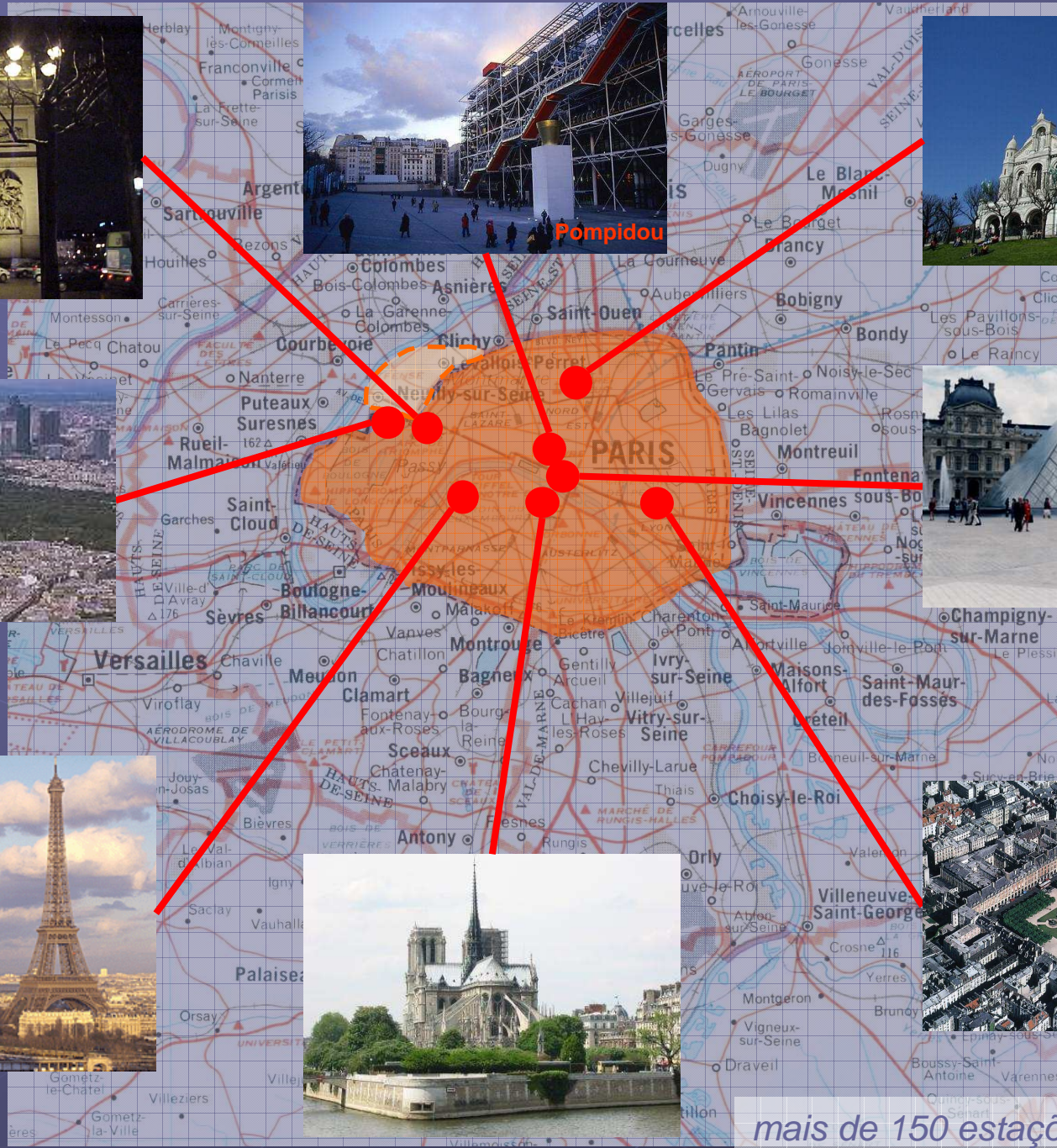
Pompidou



Sacré Coeur



Bois de Boulogne & La Defense



Louvre



Torre Eiffel



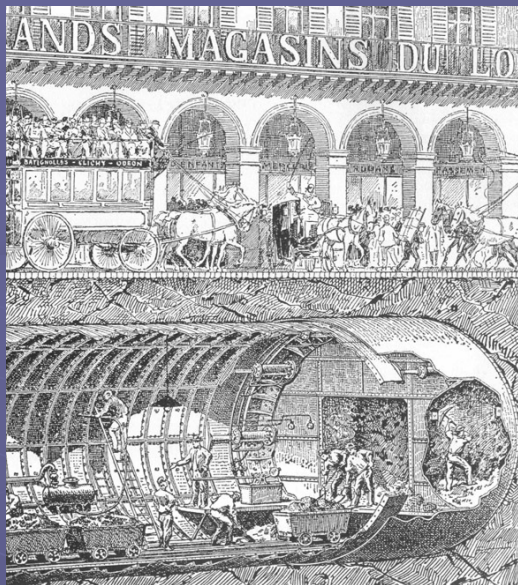
Notre Dame



Praça dos Vosges

mais de 150 estações de metrô

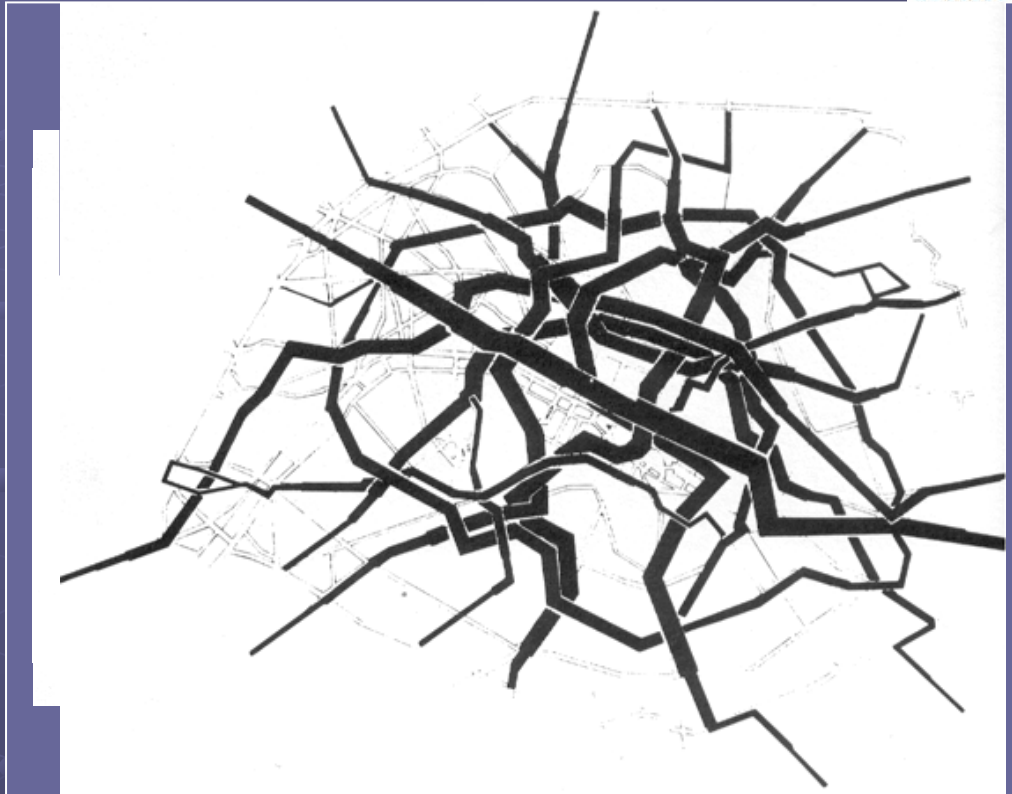
Paris, evolução.



Chemin de fer souterrain proposé par J.B. Berlier en 1887 (archives éditions Robert Laffont, Paris).



Échafaudages pour la construction du métro sur la place Saint-André des Arts et de la rue Danton



1940 - 1970



Em resumo

- Emergência de novos problemas
- Descompasso entre a natureza e a profundidade destes problemas e os meios que estão à disposição dos poderes públicos para enfrentá-los
- Necessidade de busca de novas institucionalidades

Reinventando o espaço

Escalas

Escala: exemplos de temáticas intra-municipais

- Potencialização das vantagens competitivas de longo prazo da Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro ou da Zona Oeste da Cidade de São Paulo
- Reconversão do Subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro ou das Zonas Sul e Leste de São Paulo
- Revitalização dos Centros das duas capitais
- Desenvolvimento (econômico e social) da Zona Oeste do Rio de Janeiro
- Desenvolvimento da Barra da Tijuca e Jacarepaguá

Escala: exemplos de temáticas inter-municipais

- Saneamento da Baía de Guanabara e das represas Billings e Guarapiranga
- Criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento de micro e pequenos negócios
 - Lixo
 - Transportes
 - Saúde

Escala: requerimentos básicos

- Recortes não burocráticos, mas desenhados em função da natureza dos problemas a ser enfrentados
- Combinação de esforços entre diferentes níveis de governo, setor privado e sociedade civil
- Mix de atores e papel de cada um depende do território e do pacto estabelecido

Reinventando o tempo

Sustentabilidade

Para além do *curto-prazismo*

- Prazos requeridos maiores que mandatos dos governantes
- Projetos → processos
 - Como alimentar?
- Como alongar os olhares?
 - Planejamento estratégico
 - Câmaras de Desenvolvimento Local
 - Quem dirige?
- Recursos:
 - De quem?
 - Para quem?
- Blindagem frente a ciclos políticos

Reinventando o espaço público

Compartilhamento

$$1 + 1 > 2$$

- Complementaridade de competências
- Nenhum ator isoladamente (público ou privado) tem capacidade de arcar sozinho com o tamanho dos investimentos requeridos
- Estado e municípios não têm capacidade de endividamento
- Externalidades positivas: investimento de um em determinada área aumenta a rentabilidade do investimento do outro nesta mesma área
- Outras vantagens:
 - > impermeabilidade a ciclos
 - > transparência e controle social

Redesenho do espaço público

- Inadequação das instituições atuais para fazer frente a estes problemas
- Novas institucionalidades: não substituem as que existem – mas as complementam
- Novo desenho não vem pronto de Brasília; deve ser fruto de processos participativos constitutivos de baixo para cima: de quem é a iniciativa?
- Novas formas de participação
- Novas legitimidades

Propostas em discussão

Consórcios públicos

- Vantagens:
 - Ágil: pouca burocracia
 - Permite conjugar esforços de diferentes níveis de governo em áreas específicas
- Desvantagens:
 - Não admitem parcerias entre poderes públicos, sociedade civil e setor privado
 - Fragilidade institucional

Parcerias público-privadas

- Vantagens:
 - Permite que diversos investimentos com elevado retorno social sejam viabilizados: é um mecanismo que pode promover a aproximação do retorno privado desses investimentos do retorno social
 - Integra as Leis de Licitação e Concessão: é possível que ao adotar-se um contrato de PPP em vez de dois contratos – licitação e posterior concessão – haja uma redução do custo para o setor público advindo de uma maior eficiência microeconômica do emprego do contrato de PPP nestas circunstâncias e do próprio gasto público
- Desvantagens:
 - É um projeto novo e que por isso pode implicar em diversos riscos institucionais, como (i) o uso político de recursos de fundos de pensão; (ii) possibilidade de dirigismo privado no processo licitatório; (iii) esqueletos contábeis, etc
 - Pouca flexibilidade operacional: o parceiro privado deve ser desenhado seguindo propósito específico de construção e operação de determinado bem e serviço público

A reinvenção do futuro

Futuro desejável

- Não pode jorrar de cima para baixo, como em meados do século XX
- Referente aos territórios: auto-constituídos (identidade)
- Especialização / temática
- Quais incentivos? (Veneto)
- Por parte de quem?
 - Prefeituras? Governos Estaduais? Governo Federal? Ministério das Cidades?
 - CEF? BNDES? Banco Mundial?

Quais espaços de discussão e deliberação?

- Planejamento Estratégico
 - Erros e acertos das experiências anteriores
 - Outras experiências ao redor do mundo, a partir de Barcelona
- Câmaras de Desenvolvimento Local
 - Grande ABC (1996)
 - Rio de Janeiro (2000)
- Quem participa?
 - Pertencimento
 - Oferta e demanda de serviços
 - Utilidade pública
 - Sociais
 - Produtivos

Obrigado!

aurani@iets.org.br